

FESTIVAL
DE INVERNO DA UFPR

30

ANOS
SOBRE NÓS

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS

F418 Festival de inverno da UFPR : 30 anos sobre nós [recurso eletrônico] /
Organização geral: Patrícia Guilhem de Salles; Co-organização:
Vinícius Costa; Revisão de texto: Cristiane Souza; Coordenação
gráfica: Naotake Fukushima. – [Curitiba] : Universidade Federal do
Paraná, 2021.
1 arquivo [226 p.] : PDF

Requisitos do Sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-65-84565-07-4 (PDF)

1. Festival de Inverno da UFPR. 2. Festivais – Paraná – História.
3. Artes – Paraná. I. Salles, Patrícia Guilhem de. II. Costa, Vinícius. III.
Universidade Federal do Paraná. Pró-reitoria de Extensão e Cultura.

CDD – 790.0981621

Bibliotecária: Kételi Wizenffat CRB-9/1418

SUMÁRIO

FESTIVAL DE INVERNO DA UFPR, EM ANTONINA.....	4
ENSINO, EXTENSÃO E POLÍTICAS CULTURAIS.....	6
UM LIVRO DE MEMÓRIAS.....	9
FESTIVAL DE INVERNO DA UFPR EM ANTONINA.....	10
OLHE, PODEMOS FAZER UM FESTIVAL DE INVERNO!.....	22
UM LEGADO AO POVO.....	30
O QUE É FALAR DO FESTIVAL DE INVERNO?.....	36
GRUPOS ARTÍSTICOS DA UFPR.....	42
FESTIVAL DE MUITAS MÃOS.....	62
A PARTICIPAÇÃO DOCENTE.....	68
FESTIVAL DA UFPR.....	74
TÃO SIMPLES E TÃO COMPLEXO.....	80
TERCEIRA GERAÇÃO DO HOTEL CAPELISTA PARTICIPANDO DO FESTIVAL DE INVERNO.....	88
LEMBRANÇAS DOS FESTIVAIS DE INVERNO DA UFPR.....	92
O CARNAVAL E O FESTIVAL.....	98
30 ANOS DE MUITA ALEGRIA!.....	106
UMA DOCE LEMBRANÇA.....	112
MAIS QUE UMA PAUTA, UMA LIÇÃO DE VIDA.....	118
A BICICLETA, O FESTIVAL DE INVERNO E O PROGRAMA CICLOVIDA.....	124
ANTONINA - NATUREZA, HERANÇAS E HORIZONTES.....	132
UM FESTIVAL, INÚMERAS HISTÓRIAS.....	138
FESTIVAL DE INVERNO SEMPRE DE PORTAS ABERTAS PARA A ASUFEPAR.....	144
NASCIDO EM ANTONINA.....	150
A PRAÇA É LUGAR DE CONHECIMENTO, EXPERIÊNCIAS, DIVERSÃO E ALEGRIA.....	158
TUDO JUNTO E MISTURADO AO MESMO TEMPO.....	164
PROJETO A PRAÇA É NOSSA:.....	172
FESTIVAL DE INVERNO COMIGO, CONOSCO, COM TODOS.....	182
ENCONTROS, MEMÓRIAS E RETORNOS!.....	188
O FESTIVAL DE INVERNO DA UFPR E O PATRIMÔNIO CULTURAL:.....	194
A FESTA MAIS BONITA DA CIDADE.....	200
O FESTIVAL ME DEU ARTE PARA A VIDA TODA.....	208
FESTIVAL DE INVERNO - UFPR.....	214
SEU DEPOIMENTO!.....	224

Foto por Marcos Solivan



FESTIVAL DE INVERNO DA UFPR, EM ANTONINA

Ricardo Marcelo Fonseca

Reitor da Universidade Federal do Paraná (UFPR)

O que cabe em 30 anos de história? Desde 1991, todos os anos, a Universidade Federal do Paraná desce a serra com destino a Antonina, no compromisso de promover cultura e extensão, de integrar antoninenses, turistas e a comunidade universitária, de estimular a socialização e a troca de saberes.

Todos aqueles e todas aquelas que participam do Festival de Inverno da UFPR são, de alguma forma, marcados por ele. A semana de apresentações, atividades, exposições e oficinas expande as noções de coletividade, ocupação do espaço público, arte e cultura.

A cada nova edição, o Festival reafirma seu status de patrimônio do litoral paranaense. Isso tudo sem deixar de gerar movimento e se reinventar em todas as oportunidades. Em 2020, no entanto, essa recriação precisou se fazer ainda mais presente. Com a pandemia e o isolamento, a 30ª edição precisou acontecer longe da cidade que há três décadas acolhe tão bem o Festival. A versão online se deu como alternativa e forma de a Universidade valorizar a tradição, reiterar seu engajamento com a cultura regional e mostrar que, apesar das adversidades, não parou.

Buscar soluções para o momento atual é nosso grande objetivo, seja com pesquisas e o desenvolvimento de vacinas, com apoio na área da saúde, equipamentos e comunicação, seja com a manutenção do ensino e das atividades extensivas de maneira segura.

E enquanto seguimos cheios de saudades de compartilhar a mesma praça, visitar o Theatro Municipal, admirar a vista para a Baía de Antonina ou comer um bom barreado, aproveitamos o formato remoto para estimular e valorizar a memória do que já fizemos até aqui.

27º Festival de Inverno - Pronunciamento do Reitor - Foto por Marcos Solivan



São 30 anos de histórias escritas com sorrisos e leveza, integração e cuidado, aplausos e aprendizados. Milhares de pessoas envolvidas: grupos artísticos, equipes de trabalho, estudantes, comerciantes, moradores e visitantes. Crianças, jovens, adultos e idosos. Manifestações culturais diversas: centenas de músicas tocadas e dançadas, peças exibidas. Ensinamentos variados em ambientes heterogêneos, para provar que o conhecimento se dá também fora da sala de aula. E, para tudo isso, uma infinidade de registros em fotos, vídeos, depoimentos e lembranças.

Para a edição que se segue, a casa vira praça, a tela aproxima e a realização do Festival inspira a esperança de que tanto precisamos para atravessar esse momento. Logo nos encontraremos novamente no inverno antoninense.

Vida longa ao Festival de Inverno da UFPR, em Antonina!

ENSINO, EXTENSÃO E POLÍTICAS CULTURAIS

Rodrigo Arantes Reis

Pró-Reitor de Extensão e Cultura da UFPR

A Universidade pública brasileira cumpre, historicamente, papel central na promoção e difusão da cultura nas suas diferentes linguagens, cores, matizes e propostas, perpassando os espaços da cultura erudita à cultura popular. Além da função primordial de articulação e produção de saberes, as universidades públicas centralizam e dialogam diretamente com a arte e com a cultura como parte intrínseca do seu fazer.

Desenvolvido desde 1991 pela Coordenadoria de Cultura da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, o Festival de Inverno da UFPR em Antonina mantém-se como o maior projeto de Extensão e Cultura da instituição e tem como eixo central a arte e a cultura. A Universidade Federal do Paraná, por meio do seu Festival de Inverno, mobiliza anualmente uma forma de expressão singular que, a um só tempo, aglutina criativa e dinamicamente os diversos saberes que permeiam o universo acadêmico com as demandas da sociedade.

A escolha de Antonina antecipa a expansão das ações da Universidade para os municípios de menor porte com o objetivo do fortalecimento do acervo histórico-cultural e natural da cidade e da região do Litoral do Paraná. É possível considerar que, por meio da elucidação e integração com narrativas singulares que traduzem os saberes da cultura popular litorânea, o Festival de Inverno da UFPR se reinventa e retroalimenta o conhecimento e a cultura local, permitindo a diversidade de encontros culturais e de saberes, permeados pela indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

26º Festival de Inverno - Palco Principal - Arquivo UFPR



Como registrado nos depoimentos que ilustram o presente livro, o movimento de descentralização de inúmeras ações e atividades de ensino, pesquisa, extensão e cultura, promovido pelo Festival de Inverno da UFPR nas últimas três décadas, tem mobilizado a formação e o desenvolvimento de crianças, jovens e adultos em diversas áreas, bem como cooperado com a educação patrimonial, com a economia local e com a manutenção e preservação dos saberes da região. Assim, o elemento balizador para a continuidade e importância das ações desse evento para a UFPR reside na configuração do que tem sido o maior exercício de extensão e integração da Universidade com a comunidade local. Com isso, a UFPR vem cumprindo sua função social de interação e dialogicidade entre comunidade interna e comunidade externa, com impactos diretos sobre a formação discente e sobre a produção de novos saberes.

Destaque-se que um evento de tal magnitude somente torna-se possível com a participação de inúmeros atores sociais, os quais assumem a proposta e protagonizam, todos os anos, um novo capítulo dessa história contada por inúmeras vezes. Assim, ao finalizar, agradecemos gentilmente aos servidores técnicos e docentes, discentes, grandes parceiros institucionais e da iniciativa privada, comunidade antoninense e todas as pessoas que, de alguma forma, contribuem para que o Festival de Inverno aconteça e permaneça, seja presencial e/ou virtualmente, como parte estruturante das ações formativas de extensão e cultura da UFPR.



27º Festival de Inverno - Antonina - Arquivo UFPR

UM LIVRO DE MEMÓRIAS

Patricia Guilhem de Salles

Produtora Cultural da UFPR

Quando fechamos os olhos e pensamos no Festival de Inverno da UFPR, “viajamos” até Antonina e, em segundos, estamos no meio de cores e movimentos, saberes e conhecimentos. Logo recordamos de uma oficina, de um show, de uma brincadeira na praça, algo que aprendemos, alguém que conhecemos ou reencontramos...

Agora, imagine quantas pessoas passaram por estes 30 anos de Festival. Gente de perto ou de longe; artistas do palco ou das ruas; chegando de bicicleta, de carro ou de ônibus. E quantas histórias surgiram dessa mistura de arte e cultura! Cada uma com o seu enredo, personagens e significados.

Foi pensando nessas histórias que idealizamos um livro comemorativo aos 30 anos do Festival de Inverno que pudesse resgatar, registrar e guardar essas memórias afetivas que flutuam por aí e que, de vez em quando, nos levam para os dias acolhedores em Antonina e para as noites iluminadas do Festival, pois, como nos lembra Cora Coralina: “nada do que vivemos tem sentido, se não tocarmos o coração das pessoas”.

Os 29 relatos, generosamente cedidos para ilustrar esta publicação, vêm das mais diferentes vozes; entretanto, identificamos algumas palavras recorrentes que reafirmam a essência do Festival: alegria, inclusão, valores, experiências, memórias, emoção, arte e cultura.

Mas você deve estar se perguntando: por que um livro que comemora 30 anos tem 29 depoimentos? Porque não gostaríamos de deixar sem registro outras tantas memórias tão especiais. Então, se você participou do Festival de Inverno da UFPR, com certeza tem uma boa história para contar. Compartilhe conosco. Você é nosso(a) 30º convidado(a)!

FESTIVAL DE INVERNO DA UFPR EM ANTONINA

Carlos Alberto Faraco

Professor do Departamento de Letras e Reitor da UFPR (1990-1994)

Márcia Scholz de Andrade Kersten

Professora do Departamento de Antropologia e Pró-reitora de Extensão e Cultura - PROEC UFPR (1990-1994)

Márcia Simões da Fontoura

Professora do Departamento de Artes e Coordenadora de Cultura - PROEC-UFPR (1990-1994)

Este texto é um depoimento nosso que busca resgatar a memória da criação do Festival de Inverno da Universidade Federal do Paraná (UFPR) em Antonina e de suas quatro primeiras edições desde 1991 até abril de 1994. O Festival foi um dos marcos mais importantes da gestão 1990-94 da Reitoria da UFPR. Na reformulação administrativa da Reitoria, havíamos criado a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura e estávamos propondo e consolidando toda uma política de extensão para a Universidade e o Festival foi parte nuclear dessa política. Vamos, então, às memórias!

Era Collor. Contenção de gastos. Vendam os ônibus e os carros das Universidades Federais! Afinal, por que precisam de meios de locomoção além das próprias pernas? Aulas de campo, Projetos de Pesquisa e Extensão, atividades artístico-culturais? O que é isso? Caça aos Marajás! Gastos supérfluos... Greves de professores, funcionários e estudantes universitários! Reitor recém-eleito, montagem de nova equipe de trabalho. Estruturação da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura – PROEC. Falta de espaço físico, início da rede de informática. O que é isso, companheiro? Deixemos a máquina datilográfica, usemos o Word... Redistribuição de funcionários, capacitação. Concursos? Contratações? Nem pensar! E dinheiro? Onde encontrar? Qual o caminho das pedras?

Igreja São Benedito - Foto por Marcos Solivan





27º Festival de Inverno - Foto por Marcos Solivan

No ano em que se extinguiram o Ministério da Cultura e diversas entidades culturais, a UFPR elegeu seu reitor, Carlos Alberto Faraco, estruturou a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, sob a direção de Márcia S. de Andrade Kersten, e organizou o primeiro Festival de Inverno da Universidade Federal do Paraná em Antonina, para atender áreas até então desprestigiadas.

Um sonho talvez. Mas um sonho alicerçado por um Plano de Gestão. Um projeto acalentado no mesmo momento da construção de nossa PROEC. Um feliz encontro de pessoas que acreditavam ser o impossível viável. Mais que um evento, um projeto de extensão e de cultura. Um ato provocativo.

Por que Antonina? Além das belezas naturais do município, a cidade oferece espaços ideais e boa infraestrutura para o desenvolvimento das atividades propostas pelo Festival. Mais que um cenário, a tradição cultural de sua gente a elegeu parceira ideal. Um dos primeiros locais a serem povoados pelos portugueses, em 1648, a antiga Freguesia de Nossa Senhora do Pilar da Graciosa deve à economia ervateira seus dias de glória e seu patrimônio edificado, muitos em ruína.

Mas, sobretudo, linhas, cores, volumes, sinais, sons, sotaques, cheiros, movimentos, mar, montanhas, gentes... multiplicidade de olhares formam Antonina. Espaço físico – a baía, o verde, os sambaquis. Casinhas, casarões e ruínas no “centro”, belas chácaras e favelas na periferia. Pracinhas, o cais de pedra. A fonte da Carioca. A arquitetura tradicional e de estilo ao lado de outras nem tanto. O porto, as ruínas, o complexo Matarazzo . O mangue, o cheiro de peixe, a brisa, o barco, o caranguejo... Espaço de “gente” – pobres, ricos, velhos e jovens, religiosos e ateus, pescadores, turistas, moradores, ceramistas, feirantes, barqueiros, o saudosista de um passado de glórias testemunhado pelo Teatro Municipal... E ainda povoam o imaginário da cidade figuras históricas, tais como Gabriel de Lara e Ermelino Agostinho de Leão.

Por tudo isso, a Universidade Federal do Paraná, também pioneira no ensino universitário no Estado e no País, escolheu Antonina para lançar a âncora de um trabalho de extensão que pretendia desenvolver durante todo o ano.

O primeiro Festival de Inverno aconteceu entre os dias 30 de junho e 07 de julho de 1991, em meio a uma greve.

Dificuldades? Muitas, mas o diálogo permaneceu. Lideranças políticas do movimento grevista e a Comissão de Ética da greve compreenderam que o Festival era, também, um espaço para expor suas reivindicações.

Faltavam recursos e pessoal. Não havia panorama mais desolador para empreitar um projeto que pretendeu romper com os muros da academia. Ir a campo, dialogar com a comunidade de Antonina, de todo o litoral, do Paraná, do Brasil, de outros países, com estudantes e professores fora das salas de aula, com artistas e cientistas de renome nacional e internacional. Desses, sabe? Que só se conhece pelos livros, revistas ou vernissages...



**“Mais que um evento, um projeto
de extensão e de cultura.
Um ato provocativo”**

Pequeno, se comparado aos que lhe seguiram, o Primeiro Festival envolveu 88 professores e estudantes que trabalharam nas áreas de artes plásticas, artes cênicas, música e projetos especiais. Foram ofertadas 1.430 vagas a crianças, adolescentes e adultos em 34 oficinas e minicursos.

Mas, ao longo de suas edições, o espírito do Festival continuou tomando corpo bem antes de chegar a Antonina. Final de julho, agosto, do ano anterior, planilhas são montadas, contatos estabelecidos, cronogramas e organogramas delineados. Ao lado de quase todas as instâncias da UFPR e da Prefeitura da cidade, envolvem-se a Secretaria de Estado da Cultura, por meio da participação direta do Museu Alfredo Andersen e do Centro Juvenil de Artes Plásticas, a Secretaria de Estado da Saúde e a Secretaria de Estado do Esporte e Turismo, além, é claro, da comunidade organizada em clubes, associações, empresas e demais instituições públicas e privadas.

O que pretendíamos? Ousar, estabelecer diferenças no trato administrativo e acadêmico, ir além do “isto é assim mesmo”; que nossa infraestrutura financeira e administrativa trabalhasse em conjunto num grande projeto e o tornasse possível, apesar dos entraves burocráticos que vicejam no setor público; superar rotinas engessadas e apontar para um futuro em que as barreiras entre o ensino, a pesquisa e a extensão fossem tênues, quase invisíveis. O maior programa de extensão universitária nasceu com o propósito de congregar e aproximar as propostas acadêmicas das ações da burocracia, as “atividades meios” das “atividades fins”.



Tapiche de Antonina - Acervo do Festival

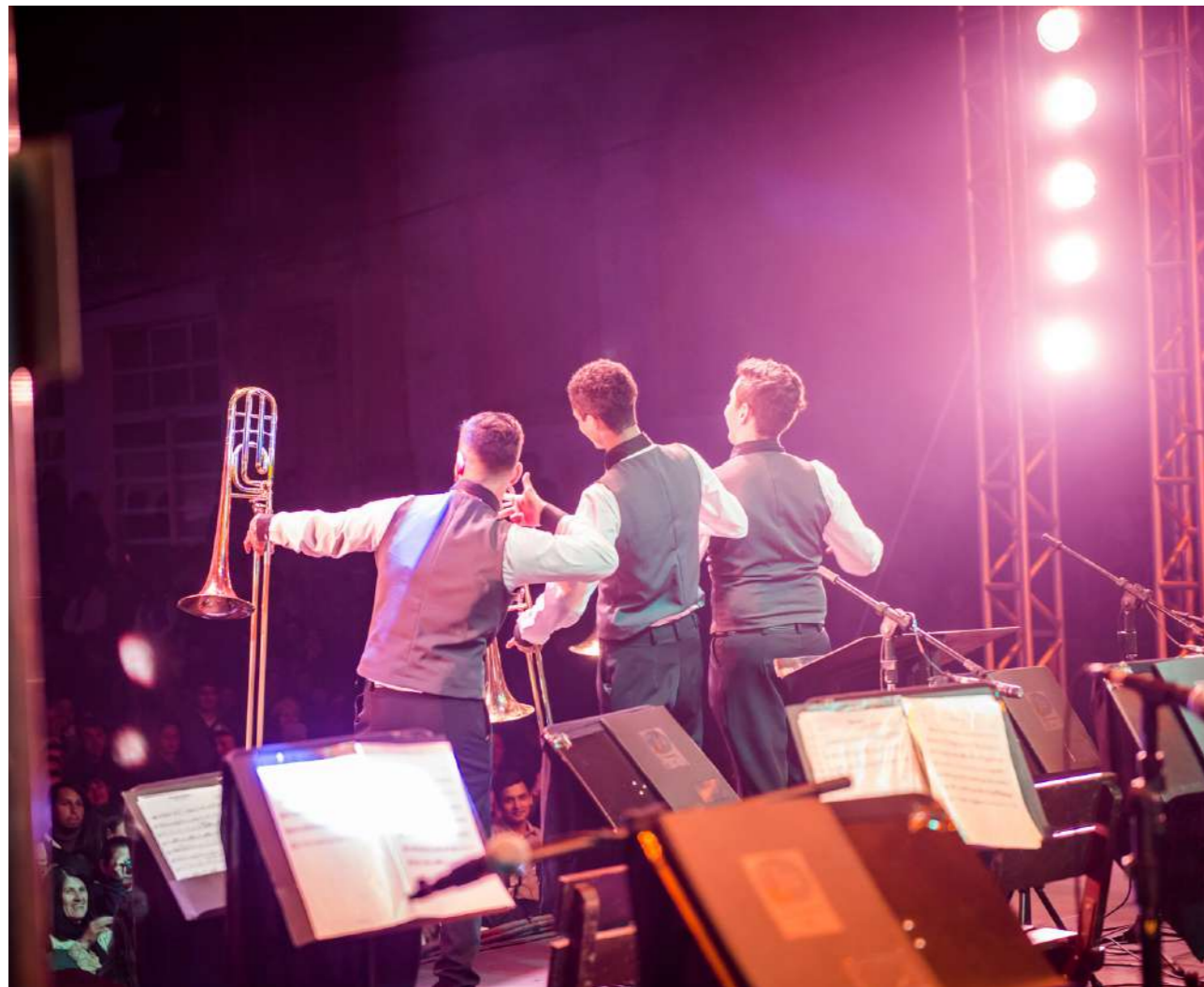


19º Festival de Inverno - Foto por Manuela Salazar

Todos na PROEC, sem exceção, participaram de uma ou de outra forma do Festival. Coordenado e idealizado por Márcia Simões da Fontoura e Eduardo Nascimento, o Festival tomou de roldão todo o administrativo-financeiro da Pró-Reitoria e também envolveu os diretores de todas as suas unidades. O financeiro, coordenado por Irene Forghieri Rosa, o administrativo, por Altamira Figueiredo; Ronaldo Carlos, Waldir Antonio da Silva, Antonia Moreira e Wilson Voitena; mais diretamente Lucinha Mion, Dóris Guidolin; Rafael Pacheco na Coordenadoria de Cultura, de onde provinham também Álvaro Nadolny, Claudio d'Almeida, Gedeão Martins e Hildegard Martins, Hella Gilda Wal Epp, Helmut Epp Kroeker; Eliana Heemann, substituída por Rita de Cássia Lopes, na Coordenadoria de Extensão; Maria Regina Furtado, na direção do Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE), Cícero Silveira do Centro de Educação Física e Desportos (CED), Roberto Gomes da Editora; César Sarti e toda a equipe do Teatro da Reitoria – costureiras, auxiliares de serviços gerais, iluminador. Mais de 100 pessoas participaram diretamente para que o Festival acontecesse, além dos setores financeiro, jurídico e de transportes da Universidade. O pró-reitor de Planejamento, José Henrique de Faria, preocupava-se também com “onde” e “como” conseguir os recursos necessários, com o firme e decidido incentivo de toda a equipe da Reitoria. A Funpar foi outra parceira importante na arrecadação e distribuição dos recursos.

Além da proposta acadêmica, existia a vontade de que Antonina vislumbrasse novas oportunidades, via turismo e atividades culturais, que promovessem o desenvolvimento do município e de que alunos e professores antoninenses e os demais cidadãos lograssem – pelo menos por uma semana – estabelecer contatos e trocas de saberes e de fazeres nas áreas de artes plásticas, música, artes cênicas, literatura, multimídia, arte-educação, design, meio ambiente e patrimônio cultural, além de usufruírem dos espetáculos artísticos diários, das performances, dos exercícios e dos jogos nas Oficinas de Recreação, coordenados pelos funcionários e professores do CED. Um novo espírito carnavalesco também tomava conta da cidade: barracas de comidas típicas e movimento nos restaurantes e bares. Hotéis, pensões, residências e escolas albergavam participantes, professores, trabalhadores, artistas...

Em todos os anos, o “Boa noite, Antonina!”, de Rafael Pacheco, avisava que o espetáculo ia começar no palco principal. As apresentações de teatro, dança e música, tanto popular quanto erudita, foram, antes de tudo, um convite à população da cidade a participar do Festival. Para divulgar as atividades e atrair o público, um carro de som percorria os bairros e toda a periferia informando a programação diária.



26º Festival de Inverno - Arquivo UFPR

15º Festival - Nenhum de Nós - Foto por Lais Murakami





14º Festival de Inverno - Inscrições - Acervo do Festival

Os grupos artísticos da Universidade, somados a grupos amadores e profissionais, dialogavam e produziam espetáculos para todas as idades e opções. De manhã e à tarde, atividades das oficinas, cursos, minicursos, palestras e mesas-redondas distribuíam-se por toda a cidade, ocupando espaços do circo especialmente montado para esse evento e das escolas, clubes, associações, praças, teatro, calçadas em torno da baía... A cidade transformava-se. A pacata Antonina era um burburinho só. Bastavam curiosidade e vontade de participar. Quando o palco principal silenciava, cantores, palhaços, bailarinos, músicos, personagens fantásticos e instrumentos inusitados certamente passavam a povoar o sonho de muita gente.

O objetivo sempre foi que nossos estudantes, a comunidade antoninense e os participantes do Festival tivessem oportunidades de ouvir, dialogar, interagir e trabalhar com personalidades da arte e da cultura nacional, referências em suas áreas, tais como: Dudi Maia Rosa; Guto Lacaz; Helena Katz; Nuno Ramos; Hans Koellreutter; Sílvio Back; Carlos Fajardo; Antunes Filho; Roberto Gnatalli; Roberto Vieira do Nascimento; Zbigniew Henrique Morozowicz; Luiz Melo; José Resende; Ulpiano Toledo Bezerra de Menezes; Felipe Tabora; Antonio Augusto Arantes; Sandra Guedes, Cristina Bruno; João Carlos Goldberg; José Guilherme Magnani; Sérgio Bizetti; Cecília de Almeida Salles; João Batista Gonçalves; Paulo Monteiro; Ana Maria Amaral; Gilberto Savério Iervolino; Maria Augusta Rodrigues; Joacy Barbosa de Oliveira; Mara Aparecida de Campos Pereira; Ingrid Dormien Koudella; Cybele Cavalcanti; Francisco de Almeida; Odilon Costa; Maria Helena Rodrigues; José Francisco de Oliveira Neto – “Chiquinho”; Benedito Luiz Amauro – “Mestre Lumumba”; Maria Clara Ozzetti; Eudósia Quintero; Mariana Muniz; Ester Grispum; Chico Melo; Carmem Lúcia José; Christine Morris; Cristina Rizzi; Sonia Salzsten Goldberg; Noemi Kellerman; Dulce Primo e Marco Giannotti, além da “prata da casa”.

A parceria entre a Universidade e a comunidade antoninense possibilitou ainda promover a qualificação dos professores da rede municipal de ensino em várias linguagens artísticas e o desenvolvimento de projetos de extensão que se estendessem além daquela semana, tais como O Fazer Cerâmico no Município de Antonina; a formação do Coral da Cidade; as oficinas de aprimoramento para a Filarmônica Antoninense; cursos para a reestruturação das Escolas de Samba e o aperfeiçoamento de seus integrantes ou para o uso de novos materiais e processos com o objetivo de enriquecer os desfiles carnavalescos.

Então partia-se para arrecadar os recursos necessários, que a Universidade não tinha ou tinha muito pouco! Haja criatividade! E houve. Após 30 anos, o país enfrenta situação semelhante, mas a Universidade resiste e o Festival continua acontecendo.

OLHE, PODEMOS FAZER UM FESTIVAL DE INVERNO!

Eduardo Nascimento

Professor do Departamento de Artes da UFPR, fotógrafo e morador de Antonina

Nos anos 1990, passávamos por um momento político meio parecido com o que vivenciamos hoje, um descrédito total na educação e na cultura. O Ministério da Cultura tinha sido extinto. Eu, recém-ingresso na Universidade, fiz concurso em 1990 e estava assumindo a coordenação do curso de Educação Artística, quando a professora Márcia Fontoura, Coordenadora de Cultura da UFPR na época, me chamou para uma reunião lá no terceiro andar do Prédio Histórico. Sentamo-nos em volta de uma pequena mesa redonda com o propósito de deixar uma marca indelével na gestão do Reitor Carlos Alberto Faraco.

Como nossa qualificação é na área das artes plásticas (formados na Escola de Belas Artes) e, desde cedo, tivemos uma ligação com eventos dessa natureza, logo aflorou a ideia do Festival: “Olhe, podemos fazer um festival de inverno!”, inspirada no Festival de Inverno de Minas Gerais, realizado inicialmente em Ouro Preto e produzido pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Por eu ser morador de Antonina e ter uma estreita relação com a cidade, sugeri que o evento fosse lá, pois a cidade também clamava por novos horizontes. Formatamos algo que envolvesse os grupos artísticos da UFPR, junto ao então Departamento de Artes, com os cursos de Educação Artística e Design (Comunicação Visual e Produto) – um projeto novo de uma universidade extramuros. Antonina, cidade histórica, tinha um enorme potencial criativo, uma bela escola de música, representada pela Filarmônica Antoninense, e a musicalidade do seu carnaval: “A cidade é musical, em cada quadra você vai encontrar alguém que toca um instrumento, e com muita qualidade”. O evento também iria proporcionar estímulos ao seu artesanato, gastronomia e turismo, quando a economia se encontrava fragilizada.

21º Festival de Inverno - Arquivo UFPR





Orquestra Filarmônica Antoninense - Foto por Douglas Frois

Então, em 1991, com o apoio do prefeito Leopoldino de Abreu – pessoa acolhedora e incentivadora desse tipo de iniciativa –, realizamos o primeiro Festival. Um projeto ainda pequeno, com aproximadamente 20 oficinas e algumas atrações artísticas realizadas no período noturno, sempre dando ênfase ao caráter educativo e reflexivo do projeto.

O nosso principal propósito era promover a troca de conhecimento, compartilhar o fazer artístico e incentivar a interação entre a Universidade e a cidade. A Filarmônica dava as boas-vindas para a Universidade, e a Orquestra Filarmônica da UFPR encerrava o evento, deixando sempre o gostinho de quero mais.

Coube a mim a missão de divulgar o evento e mobilizar a comunidade. Eu descia para Antonina toda quinta-feira e visitava as escolas para comunicar que realizaríamos um festival. Em Curitiba, também fizemos um esforço de divulgação. Márcia e eu fomos pessoalmente na Escola de Belas Artes, na Faculdade de Artes do Paraná e no Teatro Guaíra apresentar o projeto. Tínhamos a convicção de que qualquer movimento era importante para consolidar o evento, embora soubéssemos que o retorno não seria imediato, pois era um projeto de longo prazo.

Confesso, sempre que deixo minha opinião sobre o evento, a dificuldade que tenho ao dar depoimento de algo de que sou protagonista, mas, como a natureza me proporcionou essa dádiva, neste ano de pandemia da Covid-19, dos 30 anos do Festival e dos meus 70 de vida, não poderia passar em branco.

Assim, fizemos o segundo, o terceiro, o quarto, o quinto, o sexto Festival... Nestes anos todos, de alguma maneira participei do evento: na equipe de organização, ministrando oficinas, em mesas de debates, como Secretário de Cultura e Turismo do município, lançando livros, inclusive na edição virtual, com um vídeo-depoimento etc. Porque, para mim, o Festival de Inverno é como se fosse um filho, como se fosse um dos meus livros. Eu já publiquei sete livros e em quase todos eu cito o Festival. É um evento que eu ajudei a criar e que foi coletivamente construído, passando por enormes dificuldades para sua realização, não somente de ordem financeira, como, muitas vezes, por situações políticas contrárias, na tentativa de levar o evento para outro município... mas isso é conversa para outro momento.

O Festival é da comunidade, é da Universidade, é da cidade, é das pessoas, pois, sem elas, as instituições não existem. O Festival de Inverno da UFPR é um projeto de educação, de cultura; é um projeto de vida! E que continue... Amém!





Foto do acervo do Festival

UM LEGADO AO POVO

Darci Piana

Presidente do Sistema Fecomércio Sesc Senac PR

Pensar e produzir Cultura é, antes de tudo, criar pontes entre aquilo que está estabelecido e o que está no campo do diverso, é compartilhar experiências, convidando o público para que se aproxime do desconhecido e mergulhe em novas águas. Sob esse prisma, que guarda uma miríade de belezas e desafios, a Universidade Federal do Paraná (UFPR) e o Serviço Social do Comércio (Sesc Paraná) são agentes fundamentais na promoção e difusão cultural em nosso estado, entendendo que o acesso democrático aos bens culturais é um direito de todos e está, de forma inalienável, vinculado à condição de bem-estar da sociedade.

O Festival de Inverno da UFPR, que, em 2020, completou três décadas de atuação e protagonismo na disseminação da Arte no Paraná, é prova cabal do poder transformador de ações formativas e artísticas. Assim, para o Sesc Paraná testemunhar – de maneira tão ativa e participativa –, a consolidação do evento representa, portanto, a certeza de uma parceria não apenas profícua, mas que é capaz de oferecer ao público e a todos os envolvidos vivências de ressignificação e cidadania.

Diante da perspectiva dessa constante transformação, em especial no sentido particular das inclusões e do vislumbre afetivo para as invisibilidades, o Festival de Inverno da UFPR é um instrumento de ocupação de espaços e do tensionamento de discussões para além das dimensões dos saberes e da prática artística.

Os 30 anos do Festival são o reflexo dos encontros multiculturais e da formação de uma memória coletiva. Esse, pode-se dizer, é o itinerário de um olhar em movimento, de um passeio que expande margens, que enxerga o belo no que, à primeira vista, pode parecer ruidoso e dissonante.

22º Festival de Inverno - A Farsa do Boi - Foto por Douglas Frois





“Os 30 anos do Festival são o reflexo dos encontros multiculturais e da formação de uma memória coletiva”

22º Festival de Inverno - Foto por Douglas Frois



18º Festival de Inverno - Espaços de Memória - Foto por Júlio Manso



20º Festival de Inverno - Teatro de rua - Foto por Bruno Rolin

Ao fortalecer o circuito de atrações do Festival e buscar estratégias que o reforcem como parte indelével do calendário cultural de Antonina, o Sesc Paraná evidencia o seu compromisso em desenvolver ações afirmativas nas áreas em que atua, além de refletir sobre a materialidade e a imaterialidade da nossa Cultura, estimular a socialização e movimentar o comércio local.

Nesse sentido, é com alegria e orgulho que o Sesc Paraná reafirma o valor inestimável das inúmeras colaborações com a UFPR, a mais longeva universidade do país, ao longo dos anos – como a Semana Literária Sesc & Feira do Livro da Editora UFPR, evento de literatura que, em 2021, celebra 40 anos.

Essa é, sem nenhuma dúvida, uma parceria cujo legado pertence à nossa gente, que, com bravura e sensibilidade, ajuda a contar uma bela história.

Partindo do desejo de proporcionar ao povo paranaense tempos e espaços de fruição da Arte, o Sesc Paraná, ao incentivar e apoiar o Festival, propõe um diálogo de consonância e reconhecimento dos trabalhos produzidos por artistas das mais variadas gerações e regiões do Brasil e que dão corpo a uma nação criativa e multifacetada.

O QUE É FALAR DO FESTIVAL DE INVERNO?

Cainã Alves

Morador de Antonina, diretor musical e arranjador do Coro Cênico de Curitiba, e da Filarmônica Orquestra Show, membro integrante do GrupEtno e da Banda 50 Graus

É sabido que os três pilares que constituem uma instituição de ensino superior são o ensino, a pesquisa e a extensão. Falar do Festival de Inverno é falar de um dos maiores projetos de extensão de uma das universidades mais tradicionais do Brasil. Falar do Festival de Inverno é falar de um dos maiores eventos extramuros de uma universidade, que leva música, artes visuais, cinema, dança, teatro, cultura popular e tantos outros saberes para uma histórica e pequena cidade do litoral do Paraná e que possui uma vocação artística e cultural em suas entranhas e raízes. Falar do Festival de Inverno é falar da democratização do acesso à cultura e arte, é falar de gente, é falar de pessoas, é falar de nós...

Já vi de tudo um pouco no Festival, me encantei com os espetáculos infantis, participei das oficinas que eram ofertadas gratuitamente para as crianças... Como era bom brincar na praça, correr, pular, girar, me transbordar... Esperava o ano inteiro a chegada daquele momento onde o clima mudava, o palco era montado, as atrações feitas na rua... Com o passar dos anos, tanto eu quanto o Festival fomos crescendo e nos desenvolvendo, e nessa fase comecei a conhecer o mundo da música na renomada Filarmônica Antoninense. Durante anos vi passar por lá profissionais de renome na área musical que ministravam oficinas exclusivamente para a Filarmônica e para a realidade em que vivíamos.

A partir deste convívio com esses grandes profissionais, me impulsionei ainda mais para decidir por minha escolha profissional, e resolvi estudar muito para conseguir uma vaga no curso de música da própria UFPR. Consegui a vaga, tive que me afastar provisoriamente da Filarmônica e conseqüentemente achei que me afastaria do Festival. Porém, os caminhos que o coração traça não são auto explicativos e pra minha surpresa comecei a viver a UFPR e entender a importância do evento para a cidade e o quanto eu poderia colaborar para a execução do evento.

23º Festival de Inverno - Solar CIA de Arte - Foto por Marcos Solivan





Atividades na praça - Foto do acervo do Festival



Foto do acervo do Festival

Já no primeiro ano da Faculdade houve uma seleção de monitores para trabalhar na infra-estrutura do festival, me inscrevi e fui aprovado. Tinha chegado a hora de conhecer o festival “por trás das cortinas” e toda sua correria para dar tudo certo, uma experiência incrível que durou durante toda a minha graduação.

Após me graduar decidi retornar para Antonina e para a Filarmônica e consegui ter outra experiência no evento, que foi produzir e conduzir um show no palco principal com a avenida lotada. Ver aquela multidão na minha frente e sentir o carinho tanto da universidade quanto da população de Antonina é algo que sempre ficará em minha memória. E como o bom filho à casa torna, retornei a UFPR, dessa vez para fazer mestrado e doutorado, e nesse período pude produzir espetáculos com o Grupo de MPB da UFPR e em conjunto com o Prof. Edwin Pitre e o GRUPETNO.

Fiz show de encerramento, fiz peça teatral, fiz um grande carnaval com a Banda 50 Graus com direito a apagão da luz elétrica mas não da energia do povo, que permaneceu mesmo no escuro festejando com a gente. Nesse ano que completáramos 30 anos de vida e de história, fomos surpreendidos com a pandemia, porém participei como ministrante de um minicurso que versava sobre a história da querida Antonina e fiz novamente o show de encerramento da versão virtual com a Banda 50 Graus.

Não tenho palavras para descrever o quanto sou grato e o quanto desejo que a UFPR e toda a comunidade antoninense nunca esqueça o quanto esse evento se faz importante para sair dos muros da universidade e chegar ao povo que é quem tem o poder de desenvolver o país e criar um mundo melhor para as futuras gerações, com muita cultura, arte e diversidade! Parabéns Festival de Inverno, Parabéns UFPR, Parabéns Antonina, Parabéns a todos que fizeram tudo isso perdurar por 30 anos!

GRUPOS ARTÍSTICOS DA UFPR

ORQUESTRA FILARMÔNICA DA UFPR

Harry Crowl

Diretor Artístico da Orquestra Filarmônica da UFPR

Desde a sua primeira edição, em 1991, a Orquestra Filarmônica da UFPR sempre esteve presente no Festival, trazendo o melhor de seu repertório para o público antoninense. Em todas as edições do Festival, a orquestra foi um dos pontos altos, assim como os demais grupos artísticos da UFPR. Entrei para a orquestra em 2000, numa época de transição, e assumi a direção artística em 2003. Naquele ano, tendo como regentes estagiárias Denise Mohr e Íris Leong, a orquestra apresentou uma grande obra desconhecida do público brasileiro, a Sinfonia no. 2 em ré maior do compositor português João Domingos Bontempo (1775-1842). Eram momentos de mudança na OFUFPR, que, à época, ainda se chamava Orquestra Juvenil.

Outro grande momento foi em 2007, quando apresentamos, sob a regência de Denise Mohr, a "Suíte Vila Rica", de Camargo Guarnieri (1907-1993) – música escrita especialmente para a trilha sonora do filme "Rebelião em Vila Rica", de 1950, o primeiro filme em cores rodado no Brasil – e as "Danças Morávias" – do compositor tcheco Leos Janacek (1854-1928) –, regidas por Iris Leong, em homenagem às influências eslavas no Paraná.

Em 2009, Márcio Steuernagel entrou para a orquestra como regente titular e, já em 2010, fez a sua primeira participação no Festival. No ano de 2013, levamos ao Theatro Municipal de Antonina, durante o Festival, a empreitada mais audaciosa de todas, a ópera cômica de Giochino Rossini (1792-1868) "L'Ocasione fa Il Ladro" (1812). Foi a primeira vez que uma ópera encenada completa foi levada à cidade.

A apresentação do programa "Classicismo no Velho e Novo Mundo", com obras criadas na América do Sul e na Europa em finais do Séc. XVIII, foi a abertura do Festival em 2015.

18º Festival de Inverno - Orquestra Filarmônica da UFPR - Foto por Manuela Salazar





25º Festival de Inverno - Orquestra Filarmônica da UFPR - Arquivo PROEC UFPR

Outro ponto alto da participação da OFUFPR foi em 2018, com o concerto “Efemérides”, o segundo concerto da temporada 2018, homenageando os compositores Antonio Vivaldi, que celebraria 340 anos de nascimento, e Harry Crowl, que completa 60 anos em outubro deste ano, além de Radamés Gnattali e Claude Debussy, que neste ano completam 30 e 100 anos de falecimento, respectivamente. Com o afastamento temporário do maestro Márcio Steuernagel para a realização de seu doutoramento, em 2019 a orquestra tem trabalhado com os regentes convidados, sob a coordenação artística de Fabiane Nishimori. Ingrid Stein e Willian Lentz estiveram à frente da orquestra nesse ano. A apresentação no Festival de Inverno foi dirigida por Willian Lentz.

Em 2020, afetada pela pandemia da COVID-19, a orquestra se organizou, juntamente com os outros grupos artísticos, para realizar produções a distância, já que, pela primeira vez na sua história, os espetáculos presenciais estavam suspensos. Mesmo assim, a orquestra conseguiu montar, a distância, por meio da tecnologia disponível, o espetáculo “Trombeta de Anjo”, um projeto da Orquestra Filarmônica com participação especial da Helen de Aguiar, coreógrafa e bailarina da Têssera Companhia de Dança da UFPR, apresentando a obra do compositor e mestrando da UFPR Rodrigo Flamarion.

Seguindo ainda em isolamento, longe de seu público presencial, a OFUFPR segue a sua trajetória de busca constante de novas experiências, em constante diálogo com outras linguagens e colaboração com os outros grupos artísticos.

GRUPOS ARTÍSTICOS DA UFPR

CORO DA UFPR

Alvaro Nadolny

Regente do Coro e Madrigal da UFPR

O Coro da UFPR tem imensa honra de ter participado da gênese do Festival de Inverno da UFPR há 30 anos. Esse evento marca uma história de sonhos e de confiança que a comunidade da UFPR e a cidade de Antonina celebraram. O Festival nasceu com a convicção de que a Arte, a Cultura e a Extensão são elementos fundamentais na busca de aprimoramento e na troca de experiências, reunindo pessoas vindas das mais diversas partes do Brasil.

O Coro e o Madrigal da UFPR se dedicam à busca pelo Belo e à exploração das inúmeras possibilidades do Canto Coral. No Festival, essa determinação tornou possível a aproximação com artistas e interessados na troca de experiências, que, por fim, se traduziram em obras e espetáculos como a suíte "Ifé Bogbô Ayê" e a ópera "Zumbi Odara", ambas com temática afro-brasileira e nascidas de parcerias construídas no Festival de Inverno da UFPR.

O Coro sempre estava lá... nas apresentações, nas Igrejas, no Teatro, no Palco Central... Também, como monitores, estava nas oficinas, nos coros e grupos de canto, nas salas de aula, em apresentações nas quais os integrantes se juntavam à comunidade de Antonina e aos participantes do Festival. Essa experiência foi marcante, enriquecendo a prática artística e os humanizando.

Nesses 30 anos, cerca de mil pessoas passaram pelo Coro da UFPR, participando do Festival de Inverno, em Antonina, no qual, de modo singular, realizaram a experiência revigorante e transformadora em que a Arte é essencial no viver humano.

Coro da UFPR - Acervo do festival



GRUPOS ARTÍSTICOS DA UFPR

TÉSSERA COMPANHIA DE DANÇA DA UFPR

Rafael Pacheco

Diretor da Têssera Companhia de Dança da UFPR

Há 30 anos, a Têssera Companhia de Dança da UFPR leva arte/dança/dança moderna para o Festival de Inverno da UFPR em Antonina. Presente desde sua primeira edição, estabeleceu, a partir dos primeiros anos, forte ligação com a comunidade antoninense e o público diverso participante do evento. Público fiel, que recepciona calorosamente cada chegada da Companhia na cidade e preenche a plateia e os locais onde dançamos.

Ao longo desses 30 anos, tivemos a oportunidade de propiciar, além de inúmeras apresentações artísticas, a articulação das percepções sobre o trabalho que desenvolvemos por meio de trocas de informações, diálogos e conhecimentos compartilhados. Com características muito específicas e identidade e estética marcante, o interesse pelo entendimento da narrativa cresceu, permaneceu e se transformou a cada espetáculo apresentado.

Incentivando um processo de integração, nossos espetáculos, obras coreográficas e performances foram apresentados nos mais diversos espaços e ambientes de compartilhamento cultural. Retiramos a arte da Têssera do lugar tradicional – palco italiano – e levamos para o cotidiano da cidade. Com o intuito de contribuir para o desenvolvimento de análise crítica e apreciação estética de dança/dança moderna, ampliamos o acesso à arte, estendemos o perímetro de contato e incentivamos o envolvimento do público pós-espetáculo. São inúmeros os relatos, descrições de sensações e percepções sobre a obra apresentada. Levando em consideração que nossos trabalhos abordam temas e questões da alma humana, as identificações pessoais do público com as obras constituíram depoimentos fortes e emocionantes.

22º Festival de Inverno - Têssera Companhia de Dança da UFPR - Foto por Douglas Frois





25º Festival de Inverno - Foto por Marcos Solivan

Enquanto o Festival crescia exponencialmente, o envolvimento da Têssera também se expandia. O evento, que tem um olhar especial sobre crianças e jovens, abriu espaço para a participação do Grupo de Dança Juvenil da UFPR, Grupo de Dança Júnior da UFPR e turmas selecionadas do Curso de Dança Moderna da UFPR. Oferecendo uma série de apresentações com obras coreográficas voltadas para esse público específico, sensibilizamos e inspiramos uma geração de jovens artistas a sonhar, investir e se dedicar à arte nas suas mais variadas linguagens. Almas de artistas que contribuem hoje com a história, não só do Festival, mas da cidade, passando a fazer parte desse grande projeto.

A equipe da Têssera Companhia de Dança da UFPR também alargou, desde as primeiras edições, seu envolvimento com o evento. Contribuiu de forma significativa na realização do Festival. Ofertou diversos cursos, oficinas, workshops e vivências. Lugar para produção de conhecimento, vocabulário artístico e movimento cultural. Dedicou-se com comprometimento e paixão ao desenvolvimento de funções relevantes para o andamento perfeito das ações previstas. Durante 30 anos emprestou suas habilidades, experiência e conhecimento em produção e direção de eventos para entregar para o estimado público do Festival grandes e memoráveis espetáculos de música, teatro e dança, no simbólico Palco Principal, Teatro Municipal, Igrejas Matriz e São Benedito, Escolas, Centros Comunitários e espaços abertos.

Ao completar 30 anos de parceria com o Festival de Inverno da UFPR e a comunidade de Antonina, estamos extremamente satisfeitos com a reverberação da dança/dança moderna nesse espaço de energia e movimento artístico cultural. Temos convicção de que oferecemos importante contribuição para o fortalecimento do desenvolvimento da arte e da cultura na comunidade de Antonina, comunidade acadêmica da UFPR e participantes em geral e ficamos extremamente felizes com a enorme receptividade e carinho que sempre experimentamos em Antonina.

A difusão e a projeção de arte e cultura por meio da dança/dança moderna são um movimento contínuo, reforçado pelo entusiasmo e paixão daqueles que têm grande respeito pelas pessoas.

GRUPOS ARTÍSTICOS DA UFPR

GRUPO DE MPB DA UFPR

Vicente Ribeiro

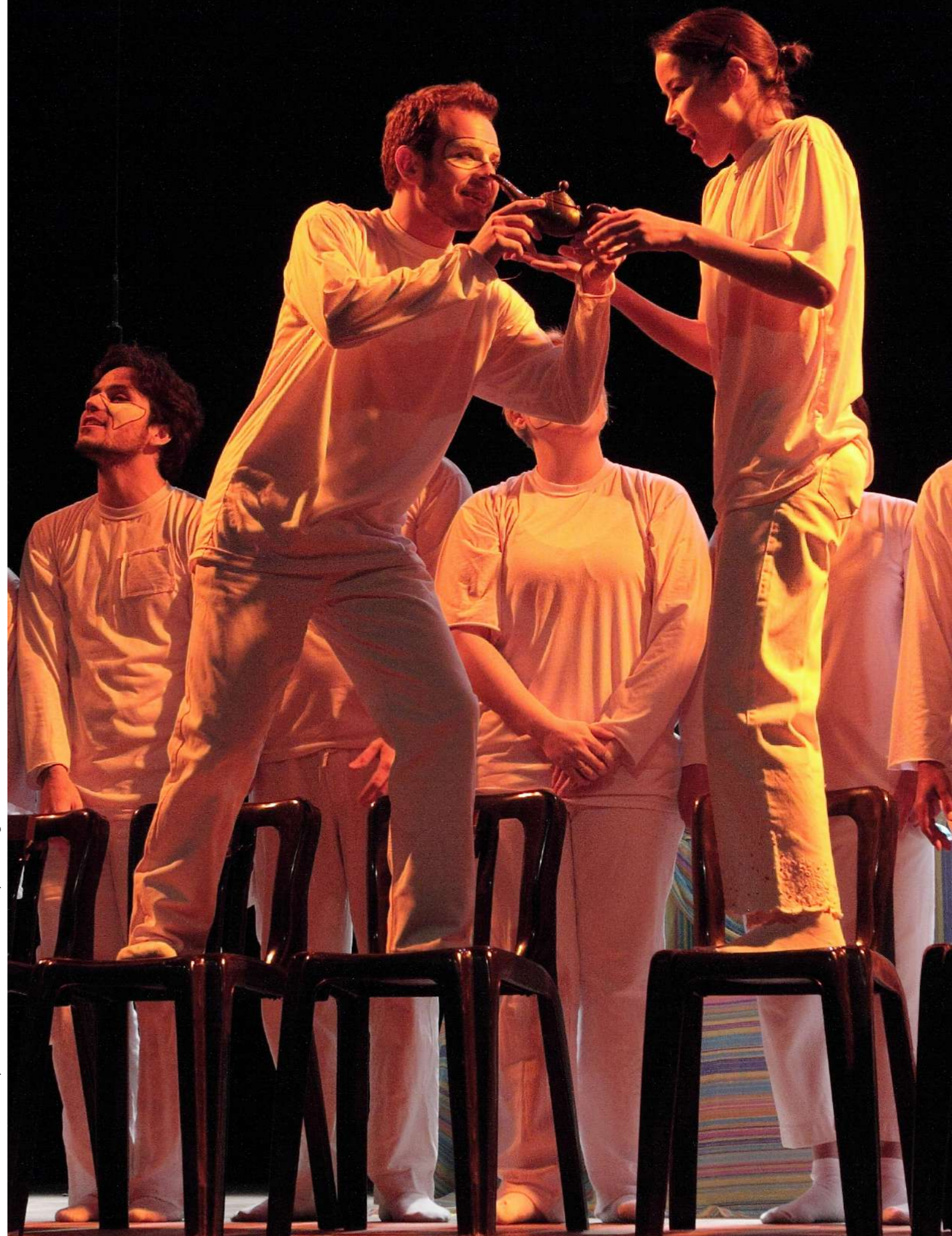
Regente e diretor artístico do Grupo de MPB da UFPR

Desde seu surgimento, em 1994, o Grupo de MPB da UFPR se faz presente no Festival de Inverno da UFPR. Sob a batuta de sua fundadora, Doriane Rossi – e em seguida, Cainã Alves –, o grupo levou dezenas de espetáculos para a bela cidade de Antonina, explorando as mais diversas temáticas, da astrologia ao tropicalismo, passando pela música paranaense e pela obra de Tom Zé.

Assumi a direção do grupo em 2018, com a difícil tarefa de dialogar com sua história e, a um só tempo, conferir uma nova cara ao trabalho. Essa reformulação, marcada sobretudo pela ampliação do elenco de instrumentistas – que resultava em um coro-orquestra que buscava valorizar a riqueza instrumental presente na tradição da música popular brasileira –, estrearia justamente no 28º Festival de Inverno da UFPR.

No dia 18 de julho de 2018, no emblemático Theatro Municipal, apresentamos o espetáculo Grupo de MPB da UFPR convida Sincopé e Vidro e Corte. Àquela altura, com um grupo inteiramente novo, reunido havia apenas três meses, não seria possível apresentar um espetáculo completo. Apresentamos, portanto, uma prévia, com cinco canções que havíamos preparado para o espetáculo A cara do Brasil, que abordaria a diversidade rítmica e melódica da música popular brasileira a partir de seu diálogo com a tradição oral. Para complementar e enriquecer a apresentação, convidamos os grupos Sincopé e Vidro e Corte, formados por integrantes do Grupo de MPB.

Grupo de MPB da UFPR - Foto por Douglas Frois





24º Festival de Inverno - Grupo de MPB da UFPR - Foto por Marcos Solivan

Um ano depois, durante o 29º Festival de Inverno da UFPR, tivemos a oportunidade de levar a Antonina um espetáculo completo. No dia 21 de julho de 2019, no espaço ADEMANDAN, apresentamos A cara do Brasil, espetáculo que explorava a diversidade sonora da música popular brasileira inspirada na tradição oral, com sua riqueza rítmica e seus modalismos, em um repertório que incluía Alceu Valença, Ednardo, Roque Ferreira e Vicente Barreto.

Em 2020, ano da pandemia, o Grupo de MPB se organizou rapidamente para dar continuidade a seu trabalho por meio de produções remotas. O resultado do trabalho desenvolvido ao longo do 1º semestre de 2020 foi apresentado no 30º Festival de Inverno da UFPR, edição online, no dia 16 de outubro, com o espetáculo virtual Querelas do Brasil, que reunia nove dos vídeos produzidos até então, incluindo uma produção inédita, o vídeo A cara do Brasil, canção de Vicente Barreto e Celso Viáfóra – que dera nome ao espetáculo apresentado no ano anterior –, com a participação muito especial do próprio Vicente Barreto.

Vida longa ao Festival de Inverno da UFPR!

GRUPOS ARTÍSTICOS DA UFPR

COMPANHIA DE TEATRO DA UFPR

Rafael Lorrán

Diretor da Companhia de Teatro da UFPR

Um festival cultural universitário é antes uma oportunidade para diálogos, encontros e trocas de conhecimentos e fazeres, cuja atmosfera festiva e reflexiva que impulsiona a visibilidade de novas produções faz girar outras e urgentes alternativas de criação ao nosso tempo, cria pontes para reflexão, parcerias profissionais, circulação de trabalhos e referenciais artísticos, identificações éticas e estéticas que respondem e questionam modos de produções culturais de nosso tempo. Os festivais universitários reafirmam a potência que existe na relação entre a universidade e as comunidades, pela interseção das frentes de ensino, pesquisa e extensão, possibilitando acessos e por meio do redimensionamento dos sentidos possíveis às noções de culturas e sociedades.

A Companhia de Teatro PalavrAção da UFPR foi criada em 1995 pelo ator, diretor e professor Hugo Mengarelli. Seu projeto pedagógico viabilizou a construção e funcionamento do atual TEUNI (Teatro Experimental da UFPR), impulsionou a criação do curso de formação de atores (hoje Técnico Produção Cênica da UFPR) e propiciou o acesso a informações, produções e processos experimentais de montagem e circulação de espetáculos no âmbito universitário por 22 anos. A PalavrAção promoveu espaços de troca e reflexão no campo das artes cênicas, criando diálogos com mostras e eventos teatrais por todo país. Ao longo da história do Festival de Inverno da UFPR, a PalavrAção esteve à frente de apresentações teatrais, oficinas, instalações, intercâmbios, circuitos e formações artísticas que ampliavam o debate sobre as artes do corpo e da cena ao longo dos festivais, enquanto grupo artístico da UFPR e para além dos muros da universidade.

18º Festival de Inverno - Companhia de Teatro PalavrAção - Foto por Manuela Salazar





18º Festival de Inverno - Companhia de Teatro Palavração - Foto por Manuela Salazar

Desde a reformulação do projeto artístico da Companhia de Teatro da UFPR, em 2019, a CIA atua na interseção entre processos de pesquisa, experimentações e montagens teatrais, propondo eventos, espetáculos, intercâmbios e espaços de relação no âmbito da extensão universitária. Aliada às inquietações poéticas da cena contemporânea, buscando habitar transformações técnicas, éticas, políticas e estéticas, a Companhia é composta de um elenco rotativo por seleções anuais, com foco sobre a composição de agrupamentos temporários atentos a ações afirmativas dissidentes, ampliando o diálogo entre a universidade e as diversidades da cidade, propondo processos artísticos aliados às urgências e reivindicações de nosso tempo.

A participação da atual formação da Companhia nos Festivais de Inverno da UFPR deu-se por meio da produção de oficinas, cursos livres e compartilhamento de performances virtuais, tendo na abrangência do Festival um espaço para partilha dos processos criativos e experimentações cênicas. Para as artes da cena, as participações em festivais são como aberturas de olhares para o mundo, cujo encontro com as diversidades participativas vividas em atmosfera festival redimensionam nossos fazeres, questionam nossos modos de produção e criação, recriam nossas experimentações, devolvendo às CIAs o constante questionamento sobre as forças que mobilizam nosso trabalho. Para os grupos artísticos da UFPR, a participação nos Festivais de Inverno e a escuta e a troca vividas ao longo das programações reaproximam a produção artística e cultural universitária do espaço e objetivo primeiro de nossas produções: o constante e aberto diálogo entre nossos projetos de arte para a universidade e a real potência e urgência que esses projetos podem ter pelo necessário e precioso diálogo com as comunidades.

 Estação
Ferroviária



23º Festival de Inverno - Estação Ferroviária - Foto por Marcos Solivan

FESTIVAL DE MUITAS MÃOS

Lucia Maria Bueno Mion

Produtora Cultural e Coordenadora do Festival de Inverno da UFPR

A palavra FESTIVAL vem de festa, celebração. E é com essa energia que a equipe responsável pela organização do evento sempre trabalhou para fazer do Festival de Inverno da UFPR um espaço de compartilhamento e celebração da arte e da cultura, para além dos muros da Universidade.

Uma produção dessa dimensão é árdua, cheia de detalhes e imprevistos, mas ganha outro ritmo quando embalada pela alegria e espírito de companheirismo do grupo. Por isso, é difícil falar isoladamente do envolvimento dos técnicos-administrativos no Festival de Inverno, pois o mesmo espírito que é dado ao evento – o da integração entre as artes – acontece na equipe como um todo: técnicos, professores e alunos da UFPR, somados aos colaboradores da Prefeitura de Antonina, atuam por uma única causa – a arte!

A partir do momento em que cada integrante veste a camiseta da organização (sim, a camiseta mais disputada da cidade!), já não existe distinção de cargo, de posição, de categoria: todos fazem parte da construção dessa grande festa e todos são representantes da Universidade Federal do Paraná em Antonina.

Muitos acreditam que fazer um Festival de Inverno é seguir uma receita, um manual, mas isso não é verdade. Cada ano é um novo episódio, um novo aprendizado, um novo cenário. O evento se renova, muda o público, mudam as pessoas que organizam, mas uma coisa permanece: a paixão pela arte e pela cultura, a garra em fazer acontecer e a vontade de voltar sempre!

21º Festival de Inverno - Espetáculo noturno - Acervo do Festival





Foto do acervo do Festival



Foto do acervo do Festival

Claro que nem tudo são flores. Até chegar ao “boa noite, Antonina!!!” na solenidade de abertura, são muitos os obstáculos que devem ser transpostos. É preciso planejar espaços, montar programação, fazer reuniões, captar recursos, fazer e refazer planilhas, ler e negociar dezenas de contratos. Durante toda a realização, é preciso fazer ajustes, dormir pouco e trabalhar muito. É preciso também estar atento e disposto a resolver qualquer adversidade: descarregar um caminhão na chuva, providenciar um secador de cabelo para uma peça de teatro, uma pistola de cola quente para a oficina, uma estante de partitura para o violinista, manicure para a cantora do palco principal, e tantas outras coisas. O lema dessa equipe é “estamos providenciando!”, e ninguém desiste fácil, porque o objetivo, como já disse, é fazer acontecer e ver a satisfação de alunos, ministrantes, artistas e plateia, ver o colorido da arte invadindo a cidade. Uma semana passa muito rápido, mas é suficiente para transformar a vida de muitas pessoas.

Na hora do “Boa noite, Antonina! Até o ano que vem!!!!”, quando as luzes do palco se apagam indicando o término de mais um Festival, é muito grande a emoção de sentirmos mais uma vez a sensação de missão cumprida, de saber que todo o esforço e empenho valeram a pena. E, enquanto os microfones são desligados e os materiais são encaixotados, o pensamento voa longe, já está lá no próximo Festival.

Fazer parte da organização é uma honra muito grande. Com certeza, todas as lições que aprendi com essa equipe maravilhosa e com o povo lindo, carinhoso e hospitaleiro de Antonina vou levar sempre e para sempre comigo.

A PARTICIPAÇÃO DOCENTE

Dulce Osinski

Professora do Curso de Artes Visuais da UFPR

Pensar a contribuição da participação docente no Festival de Inverno da UFPR é pensar a constituição do próprio Festival, surgido do sonho de dois professores do Departamento de Artes da UFPR. Nas salas do apertado 8º andar do Edifício D. Pedro I, na Reitoria, e no gabinete da então Coordenadora de Cultura Márcia Fontoura, ocorreram as primeiras conversas entre ela e o professor Eduardo Nascimento, antoninense de nascimento e coração. Márcia e Eduardo já vinham de experiências comuns com festivais e projetos vinculados à cultura e encontraram na professora Márcia Kersten, então Pró-reitora de Extensão e Cultura, o apoio necessário para a implementação de um projeto que via Antonina não apenas como um cenário de um evento cultural de grande porte, mas como coadjuvante de uma intervenção que tinha como partícipe principal seu povo.

O Festival nasce, portanto, entranhado no pensamento acadêmico da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, concebendo essas ações não restritas ao âmbito das salas de aula universitárias, mas integradas ao cotidiano da comunidade antoninense e de pessoas interessadas por arte que para lá se deslocam buscando vivenciar, em regime de imersão, as linguagens artísticas em suas múltiplas facetas; nasce, também, não prescindindo da colaboração dos professores, que, ao longo desses 30 anos, desempenharam as mais diversas tarefas dentro do Projeto, seja em sua esfera administrativa, pedagógica ou artística.

Em uma parceria profícua com os servidores técnico-administrativos da Instituição, sem a qual nenhum evento desse porte seria possível, os professores da Universidade não só têm atuado como ministrantes de oficinas e cursos teóricos, mas também se envolvido na organização do Festival, ocupando cargos de coordenação de cursos e oficinas, de infraestrutura e da Praça de Esporte e Lazer e assumindo a própria coordenação geral do evento. Não se restringindo, porém, às atribuições a eles designadas, sempre que necessário muitos deles carregam colchões para os alojamentos, varrem salas de aula, penduram cartazes e ajudam na resolução de toda espécie de pequenos e grandes problemas que insistem em se fazer presentes em grandes projetos como esse.

18º Festival de Inverno - Arte e Educação: O despertar musical na escola - Foto por Manuela Salazar





“Um projeto que via Antonina não apenas como um cenário de um evento cultural de grande porte, mas como coadjuvante de uma intervenção que tinha como partícipe principal seu povo”



18º Festival de Inverno - Arte e Educação: Teatro como recurso pedagógico - Foto por Manuela Salazar



14º Festival de Inverno - Reunião com ministrantes de oficina - Acervo do Festival

Por vezes, são eles que fazem a documentação do Festival em fotografia ou vídeo ou colaboram com sua divulgação. Também já estiveram presentes como designers, dando ao Festival de Inverno a sua cara por meio das peças gráficas utilizadas, incentivando seus alunos em sala de aula a enviar propostas para os concursos de cartazes ou integrando a comissão julgadora para a escolha da imagem do Festival. De forma mais indireta, mas não menos relevante, contribuem para a definição da programação das diversas edições do evento, colaborando na seleção de propostas para oficinas, cursos e espetáculos e impondo a essas atividades um nível de excelência.

O Festival tem contado, porém, não apenas com a colaboração dos professores da casa, recebendo, como ministrantes, docentes de instituições de todo o país, que, com sua experiência singular, transformam a cidade de Antonina em um grande caldeirão no qual, durante uma semana, se cozinha um verdadeiro caldo de cultura, integrando manifestações artísticas de todos os cantos do país. A eles se juntaram, desde o início, artistas que, operando como oficinairos, compartilham com o público participante seu conhecimento e sua paixão pela arte.

Não poderia deixar de falar, enfim, da participação dos professores das escolas públicas de Antonina, para quem, anualmente, são oferecidos cursos de capacitação nas diversas áreas da expressão artística, propiciando a posterior socialização dos conteúdos em sala de aula.

Nesses 30 anos, foram tantos os professores participantes do Festival de Inverno da UFPR que nomeá-los aqui se torna inviável. Mas aqui vai a todos um agradecimento especial, pois a dimensão que esse projeto tomou hoje é derivada, em muito, de seu olhar mediador do conhecimento e de suas atuações apaixonadas pelas causas da cultura.

FESTIVAL DA UFPR

FESTIVAL DE INVERNO DE ANTONINA

Rafael Camargo

Ator, diretor e dramaturgo antoninense

Não sei ao certo de quantos festivais participei nesta longa trajetória desde os anos 1990. Como oficinairo, ator, diretor, dramaturgo, músico e palestrante, certamente em mais de uma dezena, pelo menos; como Secretário de Cultura, mais algumas ainda. Mas, mesmo quando não estava dentro da programação, estava curiosamente apreciando as muitas atividades ou também hospedando artistas em casa, alguns de outros países, que fariam apresentações paralelas em eventos off. Dentro desse modelo fora da grade do Festival, foi criada a Cia Portátil de Alumínio, companhia de teatro que, em 2020, fez 20 anos, formada por alunos (hoje importantes atores paranaenses) de uma oficina que ministrei com Chico Melo e Otávio Camargo no Colégio Moisés Lupion; aliás, onde estudei na minha adolescência.

Os primeiros anos do Festival foram, sem dúvida, de muita efervescência e de qualidade inestimável. Grandes nomes, mesas de discussão, palestras, performances e muita provocação artística e estética. Shows memoráveis no palco principal ou em espaços menores distribuídos na cenográfica Antonina, concertos deslumbrantes nas igrejas da cidade, artistas plásticos transformando as ruas numa grande sala de exposições, e a tradicional criação de um local de encontro na madrugada, que, a cada edição, de forma inusitada, acontecia em lugares diferentes, numa eleição sem candidatos prévios, mas escolhidos a cada ano pelos artistas e alunos de forma divertida e sem muita explicação. Prontamente, na madrugada, artistas se reuniam para canjas, leituras de poemas ou performances, ou só mesmo pra desopilar por meio de grandes discussões artísticas, “com o propósito de mudar o mundo”, depois de muita cerveja, cachaça e vinho barato.

18º Festival de Inverno - Tambores Voadores - Acervo do Festival



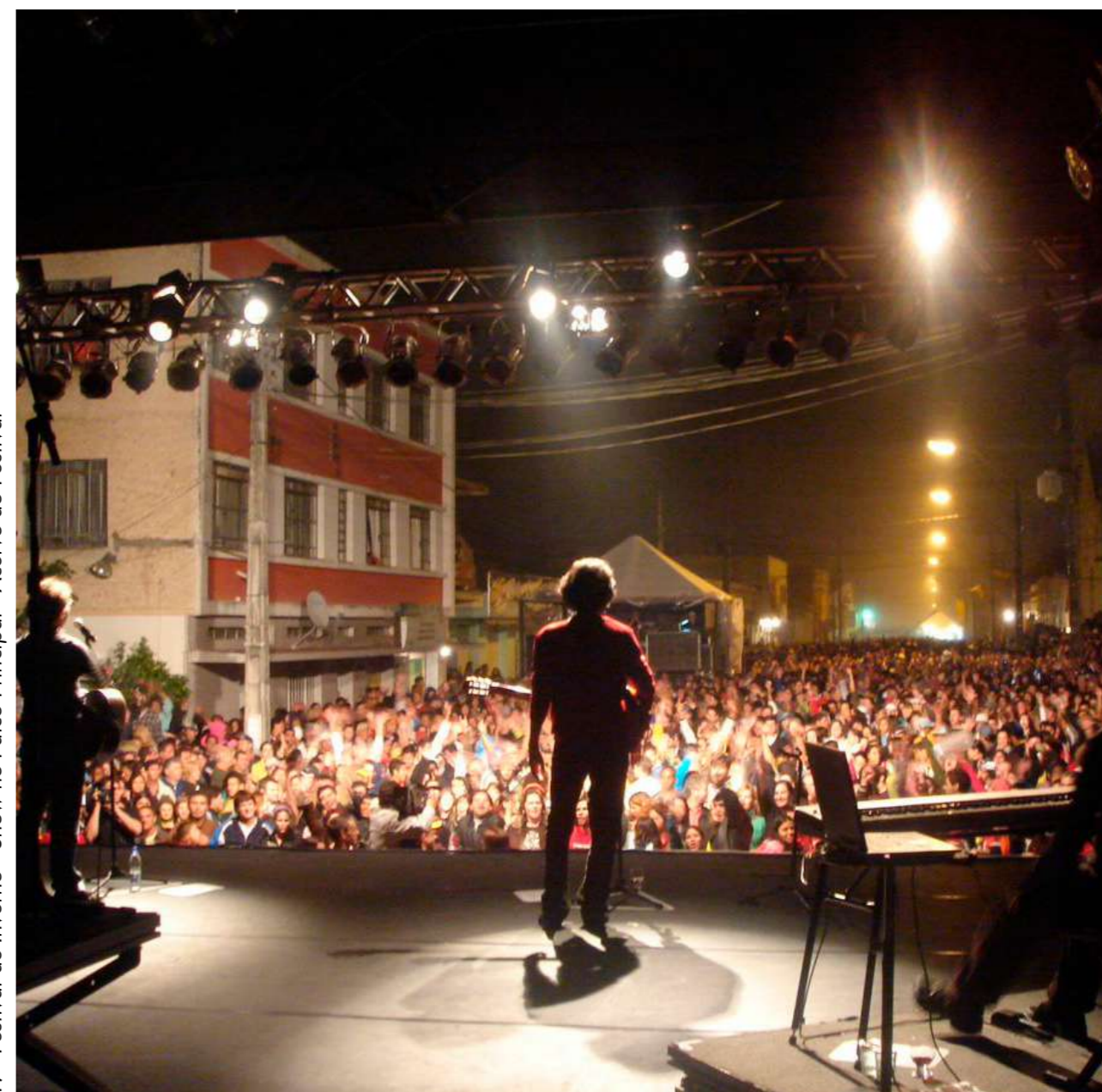


“A mágica acontece
e só sabe quem viveu
para contar”

24º Festival de Inverno - Orquestra Latino Americana UNESPAR - Foto por Ana Lino



14º Festival de Inverno - Trio Ai Ai - Acervo do Festival



17º Festival de Inverno - Show no Palco Principal - Acervo do Festival

Depois, antes de voltarem para hotéis ou alojamentos, para não passar mal, passavam na barraca do barreado e caíam na cama de estômago forrado, sem maiores incômodos ou complicações. Era pura experimentação e intuição. Com o tempo, tudo entrou na caixa e se tornou burocrático e sem charme. Como em todo processo, é preciso se reinventar!

Para a cidade de Antonina, o Festival é de suma importância, desde o caráter da formação cultural e de plateia até a geração de renda, sem contar a beleza do evento e o encontro mágico que proporciona, sendo, em muitas vidas, um potencial instrumento de escolhas definitivas. Antonina pulsa de forma afetiva e criativa nessas duas semanas de Festival. A mágica acontece e só sabe quem viveu para contar. Que venham ainda muitas edições pela frente. Evoé!

TÃO SIMPLES E TÃO COMPLEXO...

Ruth Eugênia Amarante Cidade

Professora do Departamento de Educação Física da UFPR

A deficiência é distinguida da normalidade pelo recorte que é feito considerando o uso de algum critério. “Uma teoria da deficiência não deve apenas explicar como as deficiências operam e como as pessoas deficientes funcionam, mas, ao mesmo tempo, deve ser capaz de explicar como as pessoas em geral lidam com as diferenças, especialmente aquelas às quais o grupo social atribui algum significado de desvantagem e descrédito social.” (Omote, 1994: 69).

São, portanto, as expectativas, ligadas às exigências sociais e econômicas, que determinarão as diferenças entre as pessoas deficientes e as não deficientes no grupo social. Os critérios para a avaliação são os valores, as normas e os padrões do grupo em que a pessoa com deficiência está inserida.

Acima, damos o exemplo de como a teoria opera para explicar a prática. Foi assim, para pensar o processo inclusivo, que, em 1995, iniciamos nossa atuação no Festival de Inverno da UFPR com uma oficina para os professores de Educação Especial da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de Antonina – um curso para professores e a construção de um parque adaptado, que era inicialmente para ser na praça da linha do trem e que acabou ficando dentro da APAE mesmo. Esperávamos levar as crianças para fora da APAE, onde pudessem brincar e interagir com outras crianças da comunidade. Não foi possível... e tivemos que esperar mais um ano, mas a questão da Inclusão Educacional começou a ser trabalhada entre os profissionais. No ano seguinte, ministramos um curso de lazer e deficiência e conquistamos um espaço na Praça de Recreação, que funcionava todas as tardes na praça da linha do trem (Praça Setembrino Alves). Foi lá que algumas das crianças da APAE começaram esse percurso da tão falada Inclusão. Tão simples... e tão complexo... sair e ir brincar na praça com outras crianças. Não posso deixar de contar o que aconteceu.

24º Festival de Inverno - APAE - Foto por Ana Lino





“Lembro-me bem de ter prestado atenção num jogo de bola na lata (ou betes) em que os pares eram formados por uma criança com e outra sem deficiência... juntas, jogando e se divertindo...”



15º Festival de Inverno - Atividades com crianças na praça - Acervo do Festival



17º Festival de Inverno - Atividades com crianças - Acervo do Festival

De manhã, funcionava o curso, com teorias e falções, e à tarde, o combinado era que as professoras participantes da oficina estivessem na praça com as crianças. Então, no primeiro dia tudo certo. De manhã na oficina, e à tarde na praça. E lá estávamos nós, esperando as crianças, que chegariam às 14 horas na companhia das professoras da APAE. A Kombi chegou no horário trazendo as crianças... que vitória! Mas nem nos demos conta... as crianças vieram uniformizadas e a Kombi estacionou bem na frente da praça. O que aconteceu naquele dia? A resposta: as crianças identificadas pelo uniforme foram sutilmente deixadas de lado nas brincadeiras. E era possível distinguir os grupos: de um lado, crianças com deficiência intelectual e, de outro, as outras crianças. Que furo! Mas não nos demos por vencidas! Falamos, falamos, falamos e achamos uma solução. Chamamos as professoras da APAE e pedimos algo aparentemente simples: que, no dia seguinte, as crianças viessem com outra roupa que não fosse o uniforme e que a Kombi parasse longe da praça. Como diria a professora Ligia Amaral, SIMPLES E HONESTO! Então, no dia seguinte estávamos ansiosas para saber se finalmente conseguiríamos fazer com que as crianças brincassem juntas. E conseguimos! Era possível ver que, apesar de alguma dificuldade, estavam brincando juntas... Lembro-me bem de ter prestado atenção num jogo de bola na lata (ou betes) em que os pares eram formados por uma criança com e outra sem deficiência... juntas, jogando e se divertindo... Adorei ouvir as risadas!

E até hoje, todos os anos, é possível fazer alguma intervenção, oficina, curso, palestra e ver, na praça de Recreação durante o Festival, crianças com e sem deficiência brincando juntas... nem todas... ainda! Mas estamos no processo, num caminho!



TERCEIRA GERAÇÃO DO HOTEL CAPELISTA PARTICIPANDO DO FESTIVAL DE INVERNO

France Lys Pereira Mauricio

Administradora do Hotel Capelista - Antonina

O Festival de Inverno está presente na minha vida desde a infância. Particpei de todas as edições: o curso de modelagem em argila, teatro, circo, dança afro... Essa memória afetiva me remete, num piscar de olhos, para uma viagem no tempo, e essa construção cultural norteou minha trajetória profissional. Trabalhei no SESC Paranaguá por alguns anos e lá participei da produção de alguns projetos que estiveram presentes na programação do Festival, como o projeto que trouxe vários grupos folclóricos, como Congada da Lapa, Boi de mamão de Santa Catarina, o nosso Boi do Norte e Boi Barroso, Fandango de Paranaguá, entre outros. Nossa, foi um dia lindo, do qual me lembro como se fosse hoje! Essa riqueza cultural circula entre o povo capelista há mais de 29 anos, então posso dizer que foi enraizada essa essência de arte e cultura.

O Festival de Inverno é um dos movimentos culturais mais significativos do nosso município. Ele movimenta a economia local de uma forma abrangente e muito intensa, além de fomentar o turismo.

O Hotel Capelista é o hotel mais antigo da cidade, com 53 anos e 29 anos de parceria com o Festival de Inverno. E, no ano de 2016, recebemos uma homenagem no palco principal pela parceria de tantos anos. Lembro-me com tanta perfeição de detalhes da minha mãe fazendo pão caseiro, bolo de fubá e tantas guloseimas para receber a equipe da organização do Festival... Aquele cheiro invadia todo o hotel; era tudo feito com muito carinho e gratidão. Além dos chazinhos que ela preparava para os monitores que se excediam um pouco na folia e precisavam estar recuperados para a semana intensa de oficina. Essa conexão criou um vínculo de amizade que duram até os dias de hoje. Sentimos imenso orgulho de a nossa empresa fazer parte deste livro comemorativo dos 30 anos da UFPR em Antonina. E que as gerações seguintes possam continuar colhendo esses frutos culturais por muitos e muitos anos.

24º Festival de Inverno - Atividades na Praça - Foto por Marcos Solivan





“Essa memória afetiva me remete, num piscar de olhos, para uma viagem no tempo, e essa construção cultural norteou minha trajetória profissional”

LEMBRANÇAS DOS FESTIVAIS DE INVERNO DA UFPR

Guilherme Gabriel Ballande Romanelli

Professor do Departamento de Teoria e Prática de Ensino e do Programa de Pós-Graduação em Música da UFPR

Minha relação com o Festival de Inverno já existe há quase 20 anos. Ainda criança, eu me lembro muito bem do prazer que tinha em tocar com a então Orquestra Juvenil da UFPR na programação artística do Festival. Para todos aqueles jovens músicos, era uma aventura que aliava o prazer de integrar uma orquestra sinfônica à deliciosa experiência de passar alguns momentos na mágica cidade de Antonina. Nossa única tristeza era voltar para Curitiba após o concerto (e o jantar, é claro), pois não admitíamos sermos pequenos demais para ficar toda a semana longe da família, dormindo em alojamentos. Logo eu cresceria e poderia finalmente participar plenamente do Festival.

Enquanto aluno da Faculdade de Artes do Paraná, meu encantamento com o Festival se mantinha. Era o grande evento que nos mobilizava: Como descer para Antonina? Onde se hospedar? Como se sustentar durante os seis dias? No fim, sempre encontrávamos uma solução criativa, mesmo que para isso fosse necessário dormir em Morretes e percorrer a linda estrada que liga os dois municípios todos os dias.

Finalmente, em 2007 e 2009, participei do Festival de outra forma, diretamente envolvido em sua organização. Foi interessante descobrir um outro ponto de vista daquele evento que eu só conhecia a partir de uma perspectiva restrita. Uma das minhas primeiras preocupações era responder à pergunta que me faziam: “Mas, afinal, o que é o Festival de Inverno da UFPR?”. Foi nas memórias que encontrei a melhor resposta: “O Festival é uma intensa experiência de imersão nas artes”.

25º Festival de Inverno - Foto por Marcos Solivan





26º Festival de Inverno - Foto opr André Filgueira

De fato, há poucas oportunidades nas quais um sujeito pode “respirar” arte do momento em que acorda à hora de dormir. As artes visuais, o teatro, a dança, a poesia, a música e o cinema são encontrados em todas as direções da cidade nos oito dias do Festival. Não há como evitar um “confronto” direto com as artes. É essa experiência densa que possibilita o diálogo entre as diferentes linguagens artísticas, atenuando as diferenças entre uma e outra.

Se o Festival só é possível graças ao trabalho apaixonado de uma equipe que inclui gente da UFPR e de Antonina, a polivalência é a marca registrada de cada membro da organização. Era normal ver uma mesma pessoa coordenando apresentações artísticas e logo em seguida ajudando a destravar uma máquina de xérox que “mascava” folhas de papel. Outra característica comum a toda a equipe era a musculatura mandibular bem desenvolvida após comer muitos quilos de deliciosas balas de banana.

Em tão poucas palavras não é possível passar a dimensão de um evento que, a cada edição, apresenta quase 50 espetáculos e oferece um mesmo número de oficinas em apenas uma semana. A consequência mais evidente do Festival é a relação privilegiada que a população de Antonina tem com a arte. É uma das poucas cidades brasileiras onde as artes são consideradas parte do cotidiano, o que resulta do encontro de uma população naturalmente artística (reunindo poetas, artistas plásticos, atores e muitos músicos) com o hábito que se construiu durante mais de 20 anos de Festival. O resultado é uma população que tem uma visão crítica sobre arte e sabe argumentar, apreciar, comparar e criticar, quando esse é o assunto.

Que o festival continue por muitas e muitas décadas, quebrando a tradição perversa que existe na cultura brasileira, em que iniciativas frequentemente padecem pela falta de continuidade.

21º Festival de Inverno - Ziriguidum - Foto por Ronaldo Duarte



O CARNAVAL E O FESTIVAL

Associação das Escolas de Samba, Blocos Carnavalescos e Folclóricos de Antonina

Fundada em Setembro de 2019, entidade sem fins lucrativos que atua na área de Integração Cultural e Social

O Carnaval de Antonina sempre foi considerado o mais tradicional do Paraná. E há muito tempo as Escolas de Samba de Antonina e os blocos folclóricos e carnavalescos levam alegria para a avenida do samba, e os desfiles deixam a comunidade local e as comunidades vizinhas deslumbradas com o espetáculo. Por décadas, o Carnaval de Antonina foi considerado o melhor do Paraná. Verdadeiros fenômenos artísticos e culturais surgiam ao longo dos anos, principalmente com os cursos e oficinas ofertados pela UFPR no tão esperado Festival de Inverno.

Anos se passaram e as agremiações enfrentaram altos e baixos, o que fez com que algumas escolas de samba deixassem de desfilar, pois não tinham recursos próprios e dependiam de pequenas quantias advindas de bingos, rifas, venda de pizzas e outros, mas com certeza nunca deixaram de abrilhantar a maior festa popular do planeta. Mesmo com tantas pessoas envolvidas na produção da grandiosa festa, sempre pudemos contar com pessoas interessadas em desenvolver capacidades e habilidades na questão cultural. Podemos afirmar que, nestes 30 anos, a instituição de ensino se tornou primordial para a vida do povo capelista e aprendemos e trocamos experiências com ministrantes e profissionais ligados à comunidade carnavalesca. Em 2020, devido ao cenário atual que vivemos, surge a edição virtual 2020, uma alternativa promissora para que pudéssemos continuar desenvolvendo nossas aptidões culturais. Nessa edição, foi ofertado o minicurso Desfilando Carnavais – Escola de Samba Artes em Movimentos.

Foto por Vinicius Costa





15º Festival de Inverno - Carnaval em Antonina - Acervo do Festival



Foto por Vinicius Costa

15º Festival de Inverno - Carnaval em Antonina - Acervo do Festival



A associação foi idealizada em uma roda de conversa entre amigos, em busca de um evento que angariasse renda para as escolas de samba e trouxesse fortalecimento e união entre as agremiações; dessa forma, surgiu o primeiro Festival de Samba e Chorinho de Antonina. E para que o evento pudesse ser realizado da melhor forma possível, com apoio e parcerias firmes, idealizamos e formalizamos a AESBA (Associação das Escola de Samba, Blocos Carnavalescos e Folclóricos de Antonina).

A AESBA é uma entidade sem fins lucrativos que há dois anos atua na área de Integração Cultural e Social, tendo por objetivo a integração cultural; desenvolvimento e pesquisa das raízes folclóricas; divulgação e criação de eventos sociais e de interesse da comunidade; criação de oficinas com incentivo ao conhecimento; criação de cursos voltados à educação, ao esporte e à cultura; fomento ao turismo regional local e fortalecimento da cultura e da tradição carnavalesca de Antonina.

As atividades culturais que realizamos, como eventos carnavalescos, festivais de samba, resgates dos festejos juninos, entre outros, são de suma importância. Promovemos programas ambientais, a defesa, preservação e conservação do meio ambiente e o incentivo ao desenvolvimento sustentável, assim como a assistência social, atendendo a todos os públicos interessados, incluindo crianças, adolescentes, jovens, adultos, homens, mulheres, idosos, portadores de deficiência física e todas as minorias da sociedade, tudo isso por meio de projetos como o Mão Solidária, que está ativo no momento.



FESTIVAL DE INVERNO DA UFPR:

30 ANOS DE MUITA ALEGRIA!

Paulo Chiesa

Coordenador de Cultura da PROEC (2002/2004)

É claro que não foi só alegria. Foi sim muito trabalho, persistência e dedicação da equipe organizadora, dos coordenadores e monitores de atividades; de muita gente que permanece anônima, mas faz a diferença. O Festival é fruto, sobretudo, de um coletivo que anima a festa sem descuidar dos bastidores. Tudo embalado em muito papel de bala de banana e cobertores. Afinal, é sempre em pleno inverno. Mas vale a pena. Com chuva, sol ou frio, o Festival é um programa envolvente, saudável e construtivo. Depois que se conhece, é difícil esquecer.

Tive a oportunidade de presenciá-lo de duas formas: como mero participante e como coordenador geral da 12ª e 13ª edições. Dessa maneira, conheço-o por dentro e por fora. Aprendi muito por meio dessa experiência. Por isso mesmo, orgulha-me ser parte dessa trajetória. É nesses momentos que sentimos a Universidade diferente, como algo essencial para a sociedade, a cultura e a arte. É possível falar de muitos aspectos desse programa de extensão, mas gostaria de destacar a participação do público infantil.

Veja bem, eu começaria com os planos em casa: “Eu vou para o Festival. Onde? Lá em Antonina. Vou ficar na casa de fulano e vou encontrar ciclano – e, melhor, vou conhecer um monte de gente”. Depois, tem a inscrição no frio da manhã, na fila decidindo o que fazer: oficinas de artes, de teatro, de dança, de audiovisual, enfim, um mundo de curiosas e enriquecedoras experiências novas. Durante os dias ainda tem o circo, as atividades de recreação, as banquinhas de artesanato e comidinhas e, se tiver sorte, o aroma de bolinho de banana recém-saído do forno. De noite, como gente grande, todo mundo no palco para festejar. Após dias de aprender se divertindo, tem ainda a apresentação pública dos resultados e a maratona para assistir as apresentações e espiar o realizado. Não imagino o que mais a criançada, nativa e de fora, pode querer! Só mesmo outro festival daqueles. Ou, melhor, que nosso dia a dia fosse sempre assim: alegre, descontraído, educativo, tão promissor.

15º Festival de Inverno - Apresentação de abertura - Acervo do Festival





“Que nosso dia a dia fosse sempre assim: alegre, descontraído, educativo, tão promissor!”



18º Festival de Inverno - Seresta Cantos do Mar - Foto por Manuela Salazar



19º Festival de Inverno - Crianças em Antonina - Arquivo UFPR

Quando me lembro de minha filha com menos de 6 anos participando do Festival, a memória reconstrói cenas muito bonitas: a emoção dela pelo contato direto com a cidade e as pessoas; a curiosidade sobre os artistas e seus trabalhos; as mãos e roupas sujas, além do cansaço no fim do dia; a alegria de acertar o passo na dança e o espanto de descobrir ou saber fazer algo novo; o sorriso espontâneo conquistado por uma palhaçada; e a melancolia no final do evento e durante o retorno para casa.

Diante desse depoimento, considero que o melhor de tudo é ter vivido e propiciado a uma criança crescer com essa experiência. Queria, sinceramente, que muitas outras tivessem a mesma oportunidade com seus pais. Parabéns à UFPR e a todas as pessoas e instituições que se empenharam para manter vivo e cada vez melhor o Festival de Inverno da UFPR. Vida longa ao Festival!

FESTIVAL DE INVERNO DA UFPR:

UMA DOCE LEMBRANÇA

Bárbara e Maristela Mendes

Moradoras de Antonina, proprietárias da Bananina - Bala de banana

“Bárbara... Filha!!! Acorda! Vamos lá fazer a inscrição para a oficina do Festival de Inverno: é hoje!!”

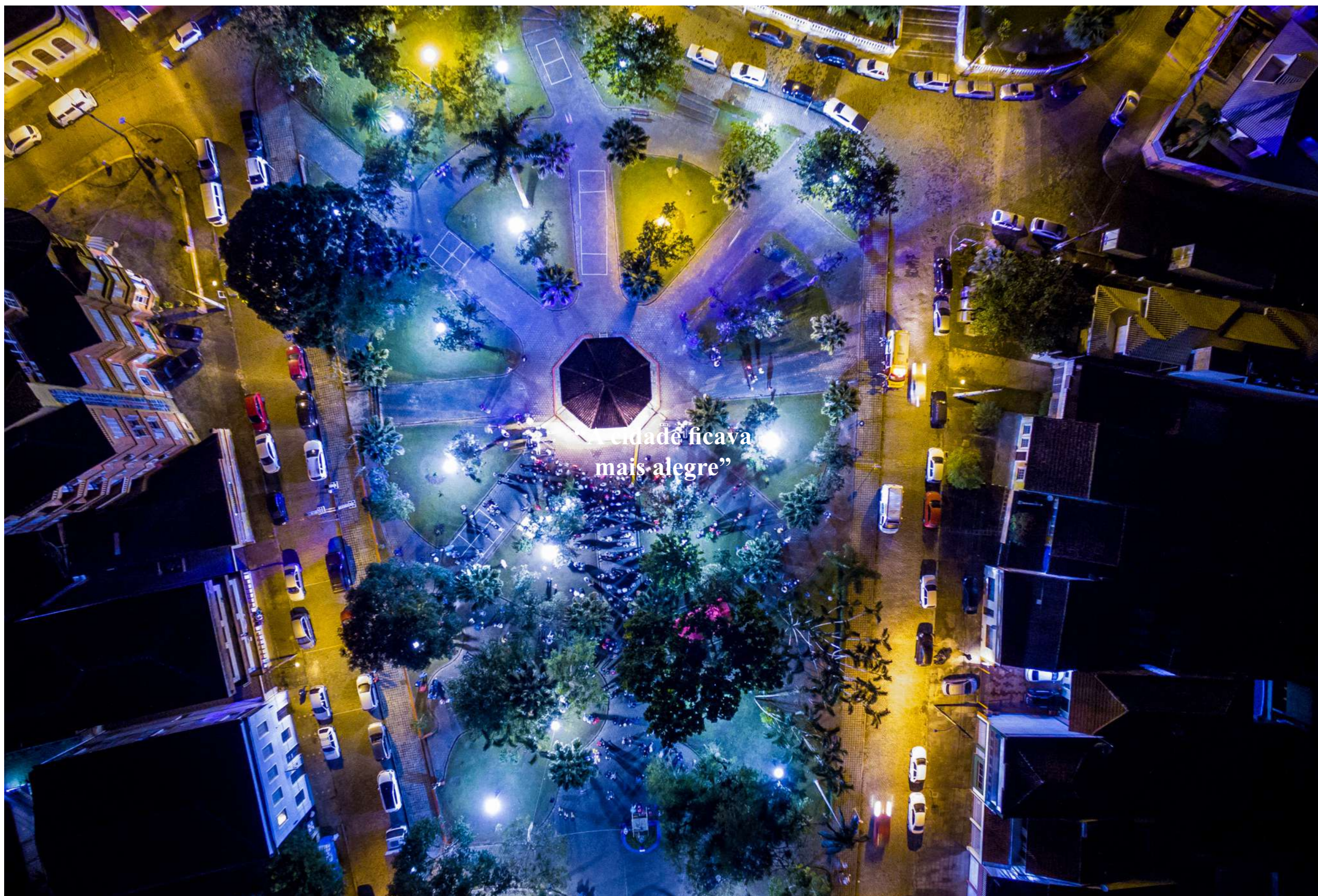
Já era sábado e ainda estava escuro. Um frio de doer os ossos, mas era o único dia de garantir uma vaga para participar das várias oficinas – uma oportunidade imperdível –, e o sacrifício de acordar cedo sempre valia a pena.

Os cursos mais procurados eram de dança, fotografia e artes plásticas. Tinha mães que já estavam com os filhos na fila na madrugada. Lam com cobertores e banquinhos. Era muito divertido ver as caras conhecidas na fila; dava para perceber os rostos de sono, mas, depois que conseguiam, exibiam a inscrição como se fosse um troféu. Eu deixava minha filha na fila e ia abrir a fábrica da Bananina. Só à tarde que ficava sabendo em qual oficina ela tinha conseguido uma vaga. Ela vinha toda alegre me mostrar o comprovante de inscrição.

A praça principal da cidade ficava toda enfeitada – jovens vindos de Curitiba e de vários outros lugares, rostos diferentes, vestidos com roupas descoladas, cabelos coloridos e uma alegria estampada em seus rostos porque estavam fazendo algo que dava para a gente perceber o quanto amavam. A cidade ficava mais alegre. Durante o dia, tinha várias apresentações de teatro no meio da rua. Bárbara ficava atenta olhando as encenações, e eu a admirava ao ver os seus olhinhos brilhando vendo os artistas com roupas de época, sons, luzes, coloridos – tudo era mágico!

23º Festival de Inverno - Espetáculo Plenilúnio - Foto por Marcos Solivan





“A cidade ficava
mais alegre”



Foto por Vinicius Costa

Quando chegava a noite, a cidade inteira se movia em uma só direção: o palco principal, instalado no meio da rua no centro da cidade para receber os shows. Artistas famosos, vindos de longe, como Jair Rodrigues, Oswaldo Montenegro, Negra Li, Nenhum de Nós, Os Mutantes, Soulution Orchestra, Lobão, Paulo Miklos, entre outros; artistas que eu e a maioria das pessoas só conheciam da televisão. Era muita gente na rua, parecia Carnaval, o que me dava medo de perder a Bárbara em meio à multidão. Assistia aos shows e cuidava da Bárbara ao mesmo tempo; eu e ela achávamos o máximo!

Algo muito legal que nos dava empolgação de ver o Festival acontecendo todos os anos era nossa participação nos bastidores. Digo dessa forma porque eram as balas de banana fabricadas por nós, em papel personalizado, que eram distribuídas pelos organizadores para divulgar o evento. Tudo começou em 2006, quando recebemos o convite para produzir a bala oficial do Festival de Inverno da UFPR. Nossa bala de banana ganhava roupa nova, mudava de cor; do papelzinho laranja para o azul. Até os cartazes da divulgação do Festival tinham as bananas desenhadas, fotografadas ou estilizadas, ficando muito evidenciado que algo extraordinário estava no ar: as bananas e as balas de banana, tudo a ver com Antonina. E assim, todos os anos ficávamos ansiosos aguardando a ligação da querida Lucinha Mion, que pessoalmente entrava em contato para avisar que já podíamos começar a rodar os doces daquele ano. Quando estavam prontas, ela mesma fazia questão de vir buscar e aproveitava para nos fazer uma visita, mesmo que rapidinho, porque o evento absorvia todo o tempo dela e de sua equipe. Quando não podia vir pessoalmente, entrava e solicitava a entrega no QG do evento. E lá ia eu: quando chegava ao local, me apresentava e dizia que estava trazendo as balas. Era uma festa! O povo ficava alvoroçado; todos me recebiam carinhosamente e faziam questão de dizer que a bala era a mais aguardada por todos, o que fazia com que nós nos sentíssemos recompensados pelo nosso trabalho. Anos mais tarde, quem assumiu essa tarefa de encomendar as balinhas foi a Romilda Aparecida da Silva.

Foi uma honra e continua sendo, porque, com muito orgulho, continuamos fazendo parte desse importante projeto, que, além de nos proporcionar momentos incríveis, também é um grande canal de divulgação da Bananinha. Somos gratos por essa parceria, e que venham muitos outros anos! Desejamos vida longa ao Festival de Inverno da UFPR!

FESTIVAL DE INVERNO DA UFPR:

MAIS QUE UMA PAUTA, UMA LIÇÃO DE VIDA

Lais Murakami

Jornalista, servidora técnica administrativa da UFPR

Dizem que somos feitos de nossas experiências e eu acredito nisso. Ter participado de 13 edições do Festival de Inverno da UFPR me fez crescer profissionalmente e faz parte das minhas melhores experiências de vida.

Ainda me lembro da chegada em Antonina, com suas ruas de paralelepípedos, arquitetura charmosa e as bandeirolas com a imagem das bananas coloridas marcando os espaços que receberiam atividades daquele 8º Festival, em 1998. Primeiro festival, primeira vez na cidade e primeiro trabalho em um grande evento da instituição, integrando a equipe de assessoria de imprensa.

Tudo naquele Festival – e nos seguintes – era novidade e merecia ser noticiado: o ministrante conceituado que vinha dar uma oficina de aprimoramento, a instalação artística produzida na velha fábrica de balas de banana, a fila que começava de madrugada para conseguir uma vaga em oficina infantil, as performances que brotavam espontaneamente no meio da praça. A cidade também brilhava durante o evento, com as histórias de antigos moradores, com os talentos nos palcos ou gerando curiosidade com causos e lendas. A cada ano, novas histórias apareciam e todas mereciam ser contadas.

Ao longo desses 13 festivais, fui jornalista e ministrante da oficina Caranguejo, o boletim informativo do festival, com a jornalista Elza Oliveira Filha. Fui assessora da Coordenadora Geral, Lucinha Mion, que me acolheu na equipe e me ensinou tanto, com tanta generosidade. Atuei também como coordenadora de oficinas, uma missão desafiadora e gratificante, e coordenadora de infraestrutura, trabalho que começa muito antes da chegada em Antonina e só termina quando tudo está finalizado e organizado, em Curitiba. Pude acompanhar mudanças no evento, na cidade e nas pessoas, com festivais em invernos muito frios e outros que até pareciam verão.

24º Festival de Inverno - Entardecer em Antonina - Foto por Ana Lino





CARANGUEJO

Ano XIV - Edição 01 - Segunda-feira, 21 de Julho de 2014 - 24º Festival de inverno da UFPR



“O Festival de Inverno da UFPR bate de forma especial em meu coração, em ritmo de samba, axé, rock e maracatu”

24º Festival de Inverno - Jornal Caranguejo - Acervo do Festival

Tive contato com todos os públicos do Festival: de crianças a idosos, estudantes, professores e profissionais das mais diversas áreas, alunos de oficinas, ministrantes, artistas de espetáculos e população da cidade, de autoridades a moradores de rua – todos ávidos pela imensa troca de energia e conhecimento proporcionados por essa grande festa, que mexe com criação e difusão cultural, com formação de crianças e professores, com todas as formas de expressão artística, e que sempre teve como preocupação deixar frutos para a cidade, e não ser uma invasão de alguns dias.

Assisti a shows, acompanhei tantos processos artísticos sendo desenvolvidos em apenas uma semana, brinquei na rua com os arrastões de música e dança, me emocionei. Na cidade que respira arte e cultura, onde a universidade leva a extensão em seu estado mais puro e transforma vidas, estão muitas das minhas mais lindas emoções. Foi onde conheci todas as áreas de um grande evento cultural, onde desenvolvi habilidades profissionais e até onde senti meu filho mexer pela primeira vez dentro da barriga.

Por tudo isso, o Festival de Inverno da UFPR bate de forma especial em meu coração, em ritmo de samba, axé, rock e maracatu. Atuei em diversas frentes e, infelizmente, só não fui aluna formal em nenhuma oficina. Mas alguém duvida do aprendizado em 13 festivais? Aprendi muito mais do que poderia imaginar. E com todo esse aprendizado, estão também a minha gratidão e honra por ter feito parte do Festival de Inverno da UFPR.

17º Festival de Inverno - Detalhes de Antonina - Acervo do Festival



A BICICLETA, O FESTIVAL DE INVERNO E O PROGRAMA CICLOVIDA

José Carlos Assunção Belotto

Coordenador do Programa de Extensão Ciclovida da UFPR

O Programa de Extensão Ciclovida foi formalizado na UFPR em 2008, tendo como objetivo fomentar a Mobilidade Sustentável, em especial o uso da bicicleta, seja como esporte, lazer ou transporte. Para atingir seus objetivos, desenvolve 26 ações e dois projetos vinculados. Uma dessas ações passou a organizar passeios cicloturísticos, entre eles o Curitiba x Antonina pela Graciosa, que fez parte da programação paralela do Festival de Inverno. A primeira edição foi em 2009 e reuniu em torno de 30 ciclistas; logo o cicloturismo do Festival de Inverno tornou-se o passeio mais procurado, chegando à edição de 2019 reunindo em torno de 250 participantes.

Além do passeio anual, o Ciclovida passou a organizar outras atividades relacionadas à bicicleta na cidade; a primeira delas foi uma oficina no Festival de 2014, que realizou um diagnóstico sobre o uso da bicicleta nas escolas. As principais revelações da pesquisa apontaram para o amplo uso da bicicleta – chegando a quase 30% de uso como principal opção de transporte da comunidade escolar – e para a percepção de segurança em se deslocar de bicicleta no município. As descobertas do estudo foram sistematizadas no capítulo “A bicicleta como símbolo cultural e seu uso pela comunidade escolar de Antonina: Diagnóstico e Propostas” no livro “Clima: Boas Práticas de Adaptação”. Uma das propostas apontou o potencial do município para o desenvolvimento do cicloturismo. No Festival seguinte, o Ciclovida organizou uma oficina que mapeou rotas para o cicloturismo e, posteriormente, publicou um folder com os roteiros. Nos anos seguintes, foram organizados outros eventos, como o Fórum Antoninense de Ciclomobilidade, um ciclo de debates e palestras que, entre outros resultados, articulou recursos para a instalação de paraciclos nas escolas e, por meio de uma emenda parlamentar, a implantação de infraestrutura ciclovária na Avenida Thiago Peixoto.

24º Festival de Inverno - Ciclovida - Acervo do Festival





28º Festival de Inverno - Ciclovida - Foto por Douglas Frois



Foto do Acervo do Festival

22º Festival de Inverno - Ciclovida - Foto por Douglas Frois



A partir de 2020, o Fórum ampliou o seu território e passou a se chamar Fórum de Ciclomobilidade do Litoral.

Outro evento que merece destaque é o Pedala Antonina, que aconteceu em 2018 e 2019, com uma ampla oferta de passeios cicloturísticos. O evento mesclou as pedaladas com atividades culturais e reuniu centenas de ciclistas da região e até de outros estados.

As atividades realizadas em Antonina ganharam repercussão nacional, e o Ciclovida foi convidado para organizar um capítulo no livro “O Brasil que pedala a cultura da bicicleta nas pequenas cidades”. Nele, Antonina é apontada como uma das 11 pequenas cidades do Brasil em que mais se pedala, destacando a forte cultura de uso da bicicleta no município, e aparece como a terceira cidade com maior uso, atingindo o percentual de 29%.

No momento em que este texto está sendo escrito (2021), encontra-se em construção por uma equipe multidisciplinar e multi-institucional, sob a coordenação da UFPR, a proposta da Rota Caiçara de Cicloturismo, um caminho cicloturístico que irá conectar os sete municípios do litoral do Paraná, valorizando o turismo de base comunitária e de baixo impacto e a cultura local. A proposta foi inspirada nas ações extensionistas acontecidas em Antonina, que começaram como atividades de lazer dentro do Festival de Inverno e se expandiram em eventos, oficinas e pesquisas que apontaram a importância da bicicleta na cultura local e o potencial da região para o turismo sustentável.

Assim, a relação entre o Programa Ciclovida e a cidade de Antonina foi iniciada e se fortaleceu dentro do Festival de Inverno da UFPR e hoje apresenta resultados que extrapolam o evento e colaboram para o desenvolvimento sustentável do litoral paranaense.



COLÉGIO DE ADELSONE LUIZ DE LIMA

ANTONINA - NATUREZA, HERANÇAS E HORIZONTES

Marcos Peretti Maranhão

Empresário e produtor cultural

A primeira edição do Festival de Inverno da UFPR em Antonina, coincidentemente, aconteceu no mesmo ano em que eu iniciei meus estudos no Curso de História da UFPR. O ano era 1991. No entanto, apenas alguns anos depois, entre os anos de 1994 e 1995, eu tive a oportunidade de ser espectador do evento.

Alguns anos depois, já em 2002, amigos próximos aproveitaram a oportunidade do evento, que coincidia com as férias de inverno e fazia com que a cidade se tornasse movimentada de turistas, moradores e artistas, e improvisaram o “Caldo de janela”, um pequeno negócio que servia o inusitado caldo de bagre com abóbora, caldo de siri e de feijão, claro; tudo servido por uma das janelas antigas e decoradas do centro histórico de Antonina. Aqueles caldos aqueciam as almas boêmias pela madrugada afora, reconfortando no apagar das luzes.

Esse ano foi bastante marcante, pois tive a primeira oportunidade de assistir a um show da Banda Wandula – banda curitibana que se apresentou na Igreja Nossa Senhora do Pilar, padroeira de Antonina. Depois dessa apresentação, pude apreciar mais apresentações da banda em Curitiba, contabilizando ao menos 50 delas, sempre com som marcante, envolvente, reconhecido por unir elementos eruditos e populares em canções em inglês, português e francês e temas instrumentais.

O amor por Antonina já havia sido despertado nos primeiros anos de Festivais de Inverno e emergiu fortemente em 2004, quando soube da possibilidade de atuar empresarialmente no Hotel Regency Capela, que estava à venda. Dessa forma, após algumas tratativas com os proprietários e com a minha família, compramos o local, que, à época, estava deteriorado e necessitando de uma extrema reforma, que foi feita para abrigar o que hoje é o Camboa Hotel.

17º Festival de Inverno - Igreja Nossa Senhora do Pilar - Acervo do Festival





“ ‘Caldo de janela’, um pequeno negócio que servia o inusitado caldo de bagre com abóbora, caldo de siri e de feijão, claro; tudo servido por uma das janelas antigas e decoradas do centro histórico de Antonina”



25º Festival de Inverno - Antonina - Foto por Marcos Solivan

A partir daí, pudemos constatar que a cidade de Antonina era perfeita para eventos. A cidade tem paisagens incríveis, arquitetura de diversas fases da história brasileira e muitos espaços para ocupar. Assim, começamos a fazer shows dentro do hotel que atraíam muitos turistas. Na sequência, começamos a produzir shows de diversos gêneros musicais pela cidade: no Theatro Municipal, nas praças, na estação ferroviária, no Mercado Municipal, na praia da Ponta da Pita, na igreja Nossa Senhora do Pilar e em estabelecimentos particulares, participantes do projeto, com a intenção de chamar a atenção para a conservação desses imóveis e para o patrimônio natural protegido: a grande reserva da mata atlântica.

A ideia era ocupar os espaços públicos e atrair turistas focados na educação patrimonial e ambiental, na arte e na cultura. O turismo, além de gerar muitos empregos, tem potencial inclusivo e democratizante. Adiante, propusemos mais um festival para o calendário de eventos da cidade, o Antonina Blues Festival, que se tornou um dos maiores festivais de música do sul do Brasil e aumentou o fluxo de turistas não apenas durante o festival, mas ao longo do ano, pois a repercussão por meio das reportagens especializadas e das mídias sociais, com vídeos, fotografias e textos, atingia o público em outros cantos do Brasil, dando mais visibilidade à cidade.

Antonina está destinada aos eventos culturais, de esporte, de lazer, de educação e contemplação ambiental, muito por conta da sua localização geográfica privilegiada, já que a cidade está inserida na maior área contínua de mata atlântica do Brasil, atraindo amantes da observação, da fotografia de aves e da natureza intocada. Nosso patrimônio natural é imenso e a ele se somam os patrimônios histórico e imaterial – da cataia, nosso uísque caiçara, à farta e rica gastronomia caiçara. Saberes, fazeres e dizeres dos pescadores artesanais que vivem dela e com ela regem a vida em harmonia, em uma completa preservação de crenças e costumes que os constituem.

Recentemente, com a criação do selo internacional Grande Reserva de Mata Atlântica, sonhamos de olhos bem abertos com a possibilidade de ser referência mundial em preservação do meio ambiente e patrimônio paisagístico e cultural, o que, por si só, poderá propiciar aos moradores um futuro promissor dentro dessa vocação.

Quem já passou algum tempo na região mais preservada da floresta tropical atlântica – das praias à história; quem já percorreu as trilhas em meio à área verde, que é cruzada por rios de águas limpas que descem das montanhas; quem já escalou as montanhas que a rodeiam e de lá avistou a majestosa baía de Paranaguá, com sua diversidade vegetal e animal, não é capaz de esquecer tal patrimônio. Patrimônio sagrado – repousada sobre nós sua preservação – que vamos celebrar, para que também as gerações futuras possam se sentir pertencentes e vividas por meio de sua pureza.

UM FESTIVAL, INÚMERAS HISTÓRIAS

Francine Cruz

Professora e escritora

O Festival de Inverno tem espaço privilegiado no meu coração. Conheci o Festival em 2003, quando ainda estava na graduação e comecei a participar como visitante.

Em 2010, no 20º Festival, me inscrevi pela primeira vez como ministrante de oficina, em parceria com minha amiga Mariana Navarro. Nossa oficina “No Ritmo do Festival: Comemorando 20 anos” era destinada aos idosos, em especial os associados do Patronato do Idoso de Antonina (PIA). O objetivo era unir a dança e o resgate cultural das memórias pessoais dos participantes nesses 20 anos de Festival.

Nessa oficina, conheci pessoas fantásticas, que até hoje relembro com carinho, como o seu Joaquim, que não perdia um Festival e fazia questão de sempre participar das oficinas do PIA; a dona Ofanda, que me deu um lindo par de brincos de presente; a Antônia, que, mesmo com sua timidez, não deixava de participar; ou a Joelma, a caçula do grupo, que participava com dedicação, levando inclusive seu filho pequeno junto com ela para não perder a oficina.

Nesse ano, como resultado da oficina, produzimos um livro feito à mão, no qual registramos as histórias dos participantes a respeito do Festival. Alguns não sabiam escrever ou tinham dificuldade por conta da baixa visão e ditaram as histórias para que registrássemos no livro. Foi emocionante ouvir e ler os relatos expressando todo o amor que tinham pelo Festival.

18º Festival de Inverno - Espaços de Memória - Foto por Manuela Salazar





20º Festival de Inverno - No Ritmo do Festival - Foto por Bruno Rolin

Em 2011, retornamos com duas oficinas: uma de manhã, voltada para crianças, e outra de tarde, para os idosos do PIA. Uma das cenas que mais me marcou nesse ano foi uma integração que fizemos das duas oficinas na praça. Os mais velhos ensinaram às crianças brincadeiras da sua época, e vice-versa, numa troca intergeracional espetacular.

Coincidentemente, tínhamos uma aluna da turma infantil que era neta de uma aluna da turma de idosos, a dona Iolanda. A neta foi pular corda e a avó não resistiu, disse que era sua brincadeira preferida e também foi pular, dando um show de vitalidade e disposição. Uma cena que me emociona até hoje de recordar.

Animadas, voltamos no 22º Festival com a oficina “Quem dança seus males espanta!”, na qual o foco era dançar de maneira espontânea, criativa e divertida.

De todas as coisas maravilhosas que aconteceram, a que mais me marcou nesse ano foi o encerramento no Theatro Municipal, no qual os integrantes apresentaram coreografias de dança.

O olhar orgulhoso de cada um ao subir no palco, a alegria com que se entregaram ao momento e toda a emoção que sentimos quando a plateia se levantou e nos aplaudiu de pé por longos minutos são lembranças maravilhosas que trago na memória e no coração.

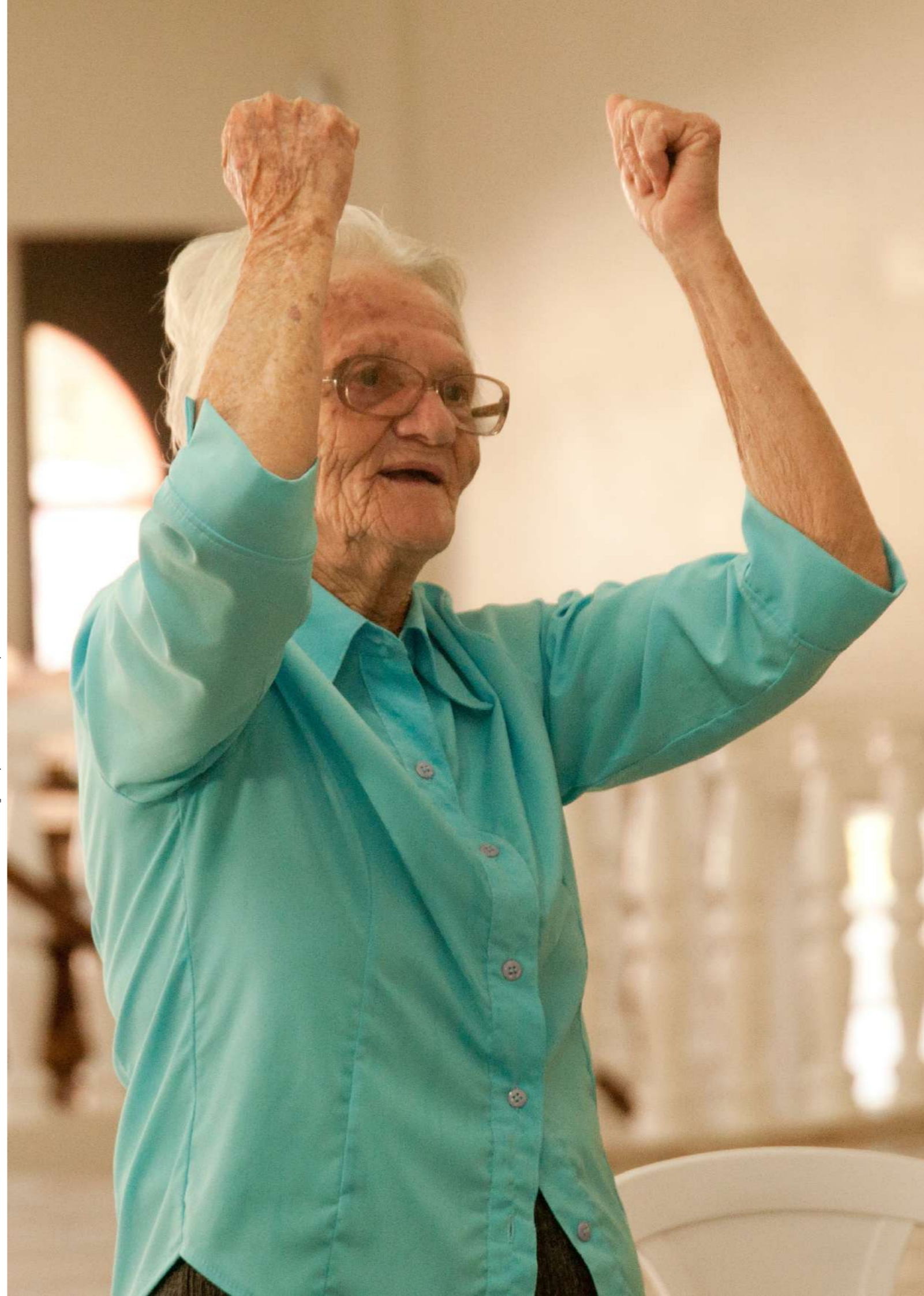
Em 2013, no 23º Festival, me inscrevi com meu marido, Everton Grison, para ministrar a oficina “Vem brincar de faz de conta”, voltada para o público infantil. Foi uma experiência diferente e muito gratificante.

Depois, fiquei alguns anos participando apenas como visitante, até que, em 2017, no 27º Festival, voltei com a oficina “Dança Sênior e Circular” para o PIA. Minha filha Helena estava com apenas 10 meses, então foi preciso que meu marido fosse comigo e ficasse com ela nas horas em que eu estava na oficina. Como todos os anos, fui recebida com muito carinho pelos participantes. Foi mais uma semana maravilhosa, na qual trocamos muitos aprendizados.

Por fim, não posso deixar de falar das amizades que fiz com outros ministrantes ou até mesmo com os monitores, como a Ana Carolina Bandeira, nossa Aninha, que todo ano estava lá com um sorriso no rosto para ajudar no que fosse preciso.

Estar hoje aqui, na comemoração dos 30 anos de Festival, lembrando tantos momentos bons, me alegra imensamente. Espero neste breve relato ter conseguido expressar todo amor e gratidão que tenho pelo Festival e por tudo que ele nos proporciona. Vida longa ao Festival de Inverno da UFPR!

28º Festival de Inverno - Oficina da Maturidade - Dança Espontânea - Foto por Nicole Schumacher



FESTIVAL DE INVERNO SEMPRE DE PORTAS ABERTAS PARA A ASUFEPAR

Aurea Junglos

Técnico-administrativo - UFPR e presidente da ASUFEPAR (2019-2021)

Ao longo dos meus quase 30 anos de trabalho na Universidade Federal do Paraná, eu sempre gostei muito de participar das atividades do Festival de Inverno da UFPR. A sensação de, em pleno mês frio de julho, poder sentir, na charmosa e histórica cidade de Antonina, um calor humano imenso, aquecido por arte e cultura, é indescritível!


Fui a várias edições. E, quando assumi o cargo de Diretora Social na Associação dos Servidores da UFPR, pude juntar outras paixões: a participação no Festival de Inverno, a Asufepar e a atenção para com as pessoas idosas.

A Asufepar também sempre foi parceira do Festival, apoiando, divulgando e prestigiando todas as ações do evento. No nosso trabalho junto à Associação, priorizamos a valorização e a interação social com as pessoas idosas – no caso, os servidores aposentados da UFPR ou dependentes de servidores. Para tanto, temos um grupo de trabalho que continuamente organiza atividades diversas voltadas para esse público.

Em várias edições do Festival pudemos participar, levando conosco servidores aposentados da UFPR, e foi uma experiência fantástica, da qual saímos todas(os) ganhadoras(es): ganhou a Asufepar, que cumpriu sua missão de ofertar atividades de interação social e cultural de relevância para seus associados; ganharam os associados (servidores aposentados da UFPR), que têm uma imensa satisfação em participar de atividades no ambiente da Universidade, local em que se sentem “em casa” e acolhidos; ganhamos todas(os) que participamos de atividades recreativas, de lazer e de cultura e fomos presenteados com belíssimas apresentações artísticas e culturais. E tenho certeza de que o Festival ganhou ao ofertar para a comunidade espaços e ambientes que proporcionam, ou melhor, privilegiam a inclusão, o que nos leva a concluir que a sociedade como um todo se beneficia.

14º Festival de Inverno - Mundareu - Foto por Jason Pessoa





“Ao retornarmos para casa, podíamos observar a avaliação positiva em cada rosto: transparecia a alegria, a motivação, o resgate de memórias e a construção de novas histórias e significados”



26º Festival de Inverno - Arquivo UFPR

Ao retornarmos para casa, podíamos observar a avaliação positiva em cada rosto: transparecia a alegria, a motivação, o resgate de memórias e a construção de novas histórias e significados. Foram tantas lembranças boas e algumas até engraçadas. Em uma das visitas ao Festival, eu e mais três amigas aposentadas perdemos o ônibus da UFPR, que nos levaria de volta para Curitiba, porque ficamos entretidas com o show da praça. A cena de a gente correndo atrás do ônibus foi hilária. Resumindo, já era de madrugada, não tinha lugar nos hotéis, não tínhamos roupas e nem ao menos uma escova de dentes. Lembro-me de que até os estudantes nos ofereceram lugar no alojamento. Depois de muito tentar, conseguimos nos hospedar em um hotel da cidade e ficamos a noite toda rindo do acontecido. No dia seguinte, uma professora que voltaria para Curitiba, gentilmente, nos deu uma carona, mas até hoje ficamos conhecidas como “As perdidas da Praça”.

A lição que fica dessa atividade – participar do Festival com um grupo de associados que são servidores aposentados da UFPR – é a de que precisamos, a cada dia, valorizar, fomentar e construir oportunidades que abranjam valores tão importantes como a intergeracionalidade. Afinal, a vida é intergeracional por natureza. E oportunizar atividades lúdicas, culturais e artísticas, como há 30 anos faz o Festival de Inverno da UFPR, pode contribuir para a solidariedade etária, resultando em uma resposta a muitos conflitos de geração.

Por tudo isso, sinto imenso orgulho de ter, de várias formas, participado desse evento, que, ao longo dos anos, tem construído esse movimento de oportunizar à sociedade momentos de arte (tão importante na formação humana), alegria, solidariedade e inclusão.

Vida longa ao Festival de Inverno da UFPR!

Estaremos lá, virtual ou presencialmente, seja como servidora ativa ou futuramente como servidora aposentada da UFPR.

NASCIDO EM ANTONINA...

Pedro Solak

Músico e Professor

Sou filho de Antonina. Não, não nasci lá. Nasci em Telêmaco Borba, a capital do papel, a 240 km de Curitiba. Sou filho de Antonina. Já desfilei no Carnaval da Capela, comi muita bala de banana, andei de bicicleta por suas vielas. Botar apelido é comigo mesmo! Moro em Curitiba. Mas, sou filho de Antonina. Tá bom, tô exagerando... não nasci nem morei lá. Mas sou afilhado, enteadado, sou parente de Antonina. Muito do que sou hoje é culpa de Antonina. É culpa do Festival de Antonina!

E por culpa (no bom sentido) do Festival de Inverno da UFPR, em Antonina, é que escrevo sobre algo que realmente nasceu em Antonina... o Voa Voa Maracatu Brincante.

Participo do festival da UFPR desde o oitavo, em 1998. Primeiro como visitante, nos finais de semana, só "para ver o movimento", depois como aluno e, em seguida, alternando como ministrante, aluno ou me apresentando com os grupos dos quais eu fiz parte: Mundaréu, em 1999; Badulaque, em 2001; Bozinho Faceiro, em 2003 e 2004; Só falta Severo, em 2006; e com o Voa Voa, nos anos de 2007, 2009 e, com muita honra, participando do show de abertura, juntamente com a rainha da ciranda, Lia de Itamaracá, em 2010.

Ou seja, há doze festivais que frequento esse estado de espírito chamado Festival de Inverno da UFPR, em Antonina. Aprendendo, ensinando, trocando ideias, caminhos, possibilidades, materiais artísticos e humanos, me contaminando de alegria e energia.

E essa alegria e energia se materializaram, em 2006, quando ministrei a oficina M.P.Ba. – Música Pra Batucar, pois esse estado de espírito subiu a serra...

15º Festival de Inverno - Tambores de Crioula - Acervo do Festival



“Aprendendo, ensinando,
trocando ideias, caminhos,
possibilidades, materiais
artísticos e humanos, me
contaminando de alegria e
energia”





15º Festival de Inverno - Tambor de Crioula - Acervo do Festival

Na minha proposta da oficina M.PBa. – Música Pra Batucar, foram ofertadas 25 vagas, que acabaram logo que abriram as inscrições! Abriram outra turma pela manhã, também com 25 vagas. Terminei a semana com 70 alunos! Foi maravilhoso. A música dos tambores contagiava a todos, até os pássaros! Sim, os pássaros, que, na tarde do quarto dia de aula, resolveram nos brindar com uma enorme revoada sobre nossas cabeças, justo quando resolvi dar um pedaço da aula ao ar livre, no momento em que pedia uma sugestão para um ritmo (groove) inventado por todos. Daí o nome Voa Voa, pois só Voa (sozinho) não soava – voava bem. E já que tinha até nome, o grupo de pessoas que passou uma semana tocando, cantando, dançando, aprendendo, ensinando e brincando junto continuar tudo isso em outro lugar parecia mesmo óbvio.

E continuou!

De um grupo de alunos da M.PBa., em Antonina, mais amigos e outros curiosos amantes do tambor, surgiu o Voa Voa Maracatu Brincante. Ensaíamos em escolas municipais e estaduais, casas e chácaras de amigos, barracões emprestados, parques e praças da cidade; enfim, onde dava e, por alguns anos, no Campus Politécnico da UFPR. Tocamos em festas universitárias, eventos oficiais, aniversários, baladas eletrônicas, arrastões (cortejos) na rua, em todo tipo de evento! Viajamos e tocamos em muitos lugares, muitos mesmo! E a brincadeira de tocar maracatu, de fazer roda e dançar jongo e ciranda foi ficando cada vez mais gostosa e enriquecedora, mais respeitosa e plena, pois, nesses 5 anos que se passaram, aprendemos muito sobre o universo do Maracatu de Baque Virado, pesquisando ou trazendo para Curitiba Mestres de Nações de Maracatu, os quais nos mostraram toda uma cultura que vai muito além do tocar tambor. E foi o que aconteceu no Voa Voa e na história recente da percussão brasileira em Curitiba nos outros grupos que se seguiram... É identidade. É respeito. É cultura viva!

Viva como Antonina! Que recebe a cada ano em suas ruas de pedra, manifestações de arte em estado de graça, alegria pura de ser anfitriã da alegria, casa da música, da poesia. Onde o barulho dos tambores tocados na Ponta da Pita pode ser levado pelo vento até o trapiche, como foi relatado por um homem, quando cheguei ao próprio trapiche, e ele me reconheceu: “Ah, você é o cara do maracatu, né? Eu tava escutando vocês... cêis tavam aonde? na praça?” e eu respondi: “na Ponta da Pita!”, e ele completou: “ah, foi o vento então...”. Nasceu assim essa toada...

“Eu estava olhando o horizonte, quando do alto tambor me chamou, virando na força e na graça, nas asas do vento eu levo meu som...”

(Toada do grupo Voa Voa Maracatu Brincante)



17º Festival de Inverno - Antonina - Foto por Lais Murakami

A PRAÇA É LUGAR DE CONHECIMENTO, EXPERIÊNCIAS, DIVERSÃO E ALEGRIA

Mairã Medeiros

Antoninense, graduada no Curso de Educação Física - UFPR

Uma semana e nada mais, depois só ficavam as lembranças e a expectativa para o próximo. Esse era meu pensamento sobre o Festival de Inverno aos meus 11 anos. Para mim, naquela época, férias escolares de julho se resumiam a apenas uma coisa: Festival de Inverno da UFPR! Eu nem morava no centro da cidade ainda, morava na Copel, a 30 km do centro, e mesmo assim dava um jeito de vir cedo para a fila de inscrições das oficinas, no PIA; e, se não dava para eu ir fazer a inscrição com a minha mãe, a gente dava um jeito, pedia para algum parente ou até para a manicure da minha mãe.

A oficina que eu escolhia era sempre a mesma; a cada ano mudava de nome, mas sempre estava relacionada à dança, principalmente dança de rua! Fiz a oficina de dança nos anos de 2002, 2003, 2004, 2005 e 2006 e me lembro até hoje do nome dos professores que me deram aula, Professora Josi e Professor Jade. E, por incrível que pareça, me lembro da coreografia inteira de uma apresentação até hoje! Nessa fase, eu não frequentava muito a praça, pois, quando terminava a oficina, eu voltava para casa. Quando passou a minha idade de frequentar as oficinas que eu comecei a ir mais à praça e ter minha vivência nos esportes e nas brincadeiras. Foi nessa época que eu acredito que a praça e todo aquele contexto começaram a ser um fator que, mais tarde, ia fazer diferença na escolha da minha profissão. Além de praticar atividades físicas no colégio, era na praça que eu a via com outros olhos. Eu sentia tudo aquilo não como um esporte rígido, mas como uma diversão, um jeito de descobrir coisas novas e, principalmente, pessoas novas. Eu me lembro, como se fosse ontem, que eu estava jogando vôlei na grama da praça e minha dupla era uma menina que eu nem conhecia, mas começamos a conversar e formamos uma dupla e tanto no vôlei. Viemos a estudar na mesma sala, jogar handebol no time da cidade juntas e ser amigas até hoje. De vez em quando nos lembramos do nosso tempo de praça e damos risadas!

14º Festival de Inverno - Caiçaras do Paraná - Acervo do Festival





26º Festival de Inverno - Público de Antonina - Foto por André Filgueira



17º Festival de Inverno - Recreação - Acervo do Festival

Acabei optando pelo curso de Educação Física no vestibular. Mais uma vez, a UFPR se fez presente na minha vida, pois passei na UEPG, UTFPR e UFPR e, dentre as três, escolhi a UFPR, escolha esta que pôde propiciar a vivência do outro lado da praça. No ano de 2010, fui monitora das atividades da praça; esperei muito por esse momento. Infelizmente, no ano de 2009, não pude participar, mas tinha certeza de que, no próximo ano, eu estaria lá, trabalhando e aprendendo muito na praça, podendo fazer parte de toda essa equipe enorme que leva toda essa cultura, diversão e lazer para a minha cidade, uma cidade que espera sempre o acontecimento desse evento, e, principalmente, tentando fazer a diferença na vida daquelas crianças que passam a tarde brincando na praça, levando conhecimento, experiências, diversão, alegria etc, como muitos que me propiciaram tudo isso na minha infância e fizeram toda a diferença nas minhas escolhas de vida!

TUDO JUNTO E MISTURADO AO MESMO TEMPO

UM ESPAÇO PARA ENSINAR, FAZER E PESQUISAR

Carlos Rocha

Professor de Telejornalismo e Cinema UFPR

A minha história com o Festival de Inverno da UFPR teve início ainda quando aluno, na década de 1990, quando fui assistir a alguns espetáculos de nossos grupos de cultura e alguns shows em Antonina. A ligação mais intensa teve início em 1997, quando ainda era professor substituto. A pedido da Lucinha Mion, fiz a cobertura oficial de todo o evento. Naquele período jurássico, da fotografia analógica, era complexo: uma câmera para cada tipo de filme (P/B, cor e cromo), além de várias lentes e tripé. Foi nesse trabalho que eu pude realmente conhecer a verdadeira dimensão do evento, que envolvia diversos cursos e espetáculos. Foi muito cansativo, é verdade, porém muito gratificante.

Já no ano seguinte, 1998, fiz a proposta de ministrar uma oficina de fotografia para adolescentes e adultos. Em 1999, já busquei o desafio de dar 2 oficinas: pela manhã para crianças de Antonina até 12 anos, e à tarde para adolescentes e adultos novamente. O resultado foi impressionante, pois as fotos das 2 oficinas foram exibidas ao público juntas e ninguém conseguia distinguir quais fotos tinham sido feitas pelas crianças. Um detalhe importante para registro é que, com a organização do Festival, conseguimos que as crianças ganhassem as máquinas que usaram durante a oficina, para continuar a exercitar após o evento. Assim, a contribuição do Festival foi além do dividir o conhecimento com essas crianças, foi inclusive de instrumentar e semear ações futuras.

20º Festival de Inverno - Produção de Curta em vídeo - Foto por Bruno Rolin



A partir de 2000, iniciei a oficina de curta em vídeo e, para essa 1ª edição, convidei o servidor técnico Alexandre dos Santos para, junto comigo e com o apoio do Departamento de Comunicação (DECOM), enfrentarmos o desafio dessa oficina, em um tempo em que não havia vídeo digital e tivemos de levar toda uma ilha de edição de S-VHS para Antonina. Foram vários dias de trabalho, só para acomodar, transportar, montar, depois desmontar, acomodar e remontar tudo em Curitiba. No ano seguinte, quem me acompanhou nesse desafio foi Eduardo Baggio, que atuou ao meu lado por 3 edições. A partir de 2004, convidei o servidor Luis Carlos dos Santos, que hoje é professor de comunicação no DECOM. Nas últimas edições dessa oficina de vídeo, tivemos a parceria com Carlos Debiasi, que atuou em um ano como roteirista, em outro como editor e até mesmo como ministrante.

As oficinas de vídeo sempre foram muito procuradas e tínhamos de ampliar o número de vagas previstas, apesar de a oficina ser de longa duração e em período integral, manhã e tarde. Alguns dias, inclusive, avançávamos no período da noite e da madrugada, gravando em locações na cidade de Antonina. A cada ano que passava, a complexidade do roteiro e da produção aumentava. Isso fazia parte de um estudo sobre metodologia de ensino para audiovisual que ocorria em paralelo, ou seja, foram disciplinas em que os alunos aprendiam e também nós, professores. É importante salientar que todas as atividades sempre foram baseadas na indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

Uma característica dessas oficinas foi sempre a de abirmos vagas para participação de alunos sem nenhuma experiência em produção audiovisual, sem pré-requisitos. Isso aglutinava pessoas das mais diversas formações, idades, localidades e etnias (tivemos alunos indígenas, por exemplo). O desafio era fazer tudo em 1 semana. As primeiras aulas eram teóricas; depois, em apenas 1 dia, iríamos fazer a pré-produção, buscar locações, cenários e figurino e até mesmo encontrar atores entre participantes do Festival que estivessem dispostos a essa empreitada. Então, seriam 2 dias para captação e mais 2 dias para edição. A carga horária real dessas disciplinas sempre variou, em virtude da complexidade do roteiro e de definições escolhidas junto com os alunos. Não foi raro termos uma carga horária maior que 40 horas semanais, pois todos tinham hora para entrar, mas não tinham hora para sair. A dedicação dos alunos sempre foi surpreendentemente positiva.

Em paralelo a essas oficinas, abri a parceria com a UFPR TV para gravação dos shows do palco principal. As fitas com esses materiais eram enviadas a Curitiba, para serem exibidas no canal da UFPR TV no dia seguinte. Essa atividade também foi orientada pelo ensino, pesquisa e extensão e sempre teve a participação de alunos, servidores e profissionais. Nesse espaço de fazer TV ao vivo, se formaram alguns dos nossos alunos de Jornalismo. Alguns já fizeram questão de me relatar o quanto essas oficinas fizeram a diferença na vida profissional deles.

Foi nesse espaço de fazer, ensinar e pesquisar sobre TV ao vivo que a UFPR TV foi uma das primeiras televisões brasileiras a fazer transmissão broadcast, ao vivo, usando a rede de internet. Transmitimos de Antonina para Curitiba os espetáculos do palco principal. Ficaram para trás as fitas, os pendrives e toda a necessidade logística de enviar às pressas o material de Antonina para Curitiba. Nesse contexto de experimento tecnológico, em parceria com outras instituições federais de Ensino Superior, conseguimos fazer alguns desses shows, transmitidos pela internet, chegarem a outros estados.



18º Festival de Inverno - Produção de Curta em vídeo - Foto por Manuela Salazar



19º Festival de Inverno - Produção de Curta em vídeo - Foto por Douglas Frois



18º Festival de Inverno - Produção de Curta em vídeo - Foto por Manuela Salazar

18º Festival de Inverno - Produção de Curta em vídeo - Foto por Manuela Salazar



Tive o prazer de ter todas essas experiências ao lado de muita gente boa, tanto nas aulas como nas transmissões; elas marcaram minha trajetória e minha história de vida na UFPR. Conheci, a cada edição, mais da UFPR, mas também conheci mais sobre mim, sobre meus limites e aprendi muita coisa que levo hoje para minha vida acadêmica. Tenho certeza também de que essas oficinas e atividades contribuíram positivamente na vida de todos os alunos, técnicos e professores. Agora, esta história que compartilho hoje com vocês só foi possível com o envolvimento e a dedicação de todos que participaram da organização do Festival de Inverno, que sempre nos acolheram com carinho e respeito, que sempre acreditaram nos projetos propostos e nos deram espaço para ensinar (é verdade), mas também nos deram espaço para aprender e desenvolver metodologias, técnicas e, inclusive, tecnologia.

A história do Festival de Inverno da UFPR passa por mim e deixa lembranças e contribuições para a minha vida. Espero também ter retribuído e passado pela história do Festival da mesma forma.

PROJETO A PRAÇA É NOSSA:

INTERVENÇÕES NA PRAÇA PRINCIPAL DE ANTONINA A PARTIR DE EXPERIÊNCIAS DE LAZER

Simone Rechia

Orientadora da ação "A Praça é Nossa", proposta pelo Geplec no Festival de Inverno (2003-2020)

Bruno David Rodrigues Neca

Colaborador da ação "A Praça é Nossa", proposta pelo Geplec no Festival de Inverno (2015-2020)

Daniella Tschöke Santana

Colaboradora da ação "A Praça é Nossa", em cinco edições do Festival de Inverno da UFPR em Antonina

Sabrina Monique Bora de Andrade

Colaboradora da ação "A Praça é Nossa", em cinco edições do Festival de Inverno da UFPR em Antonina

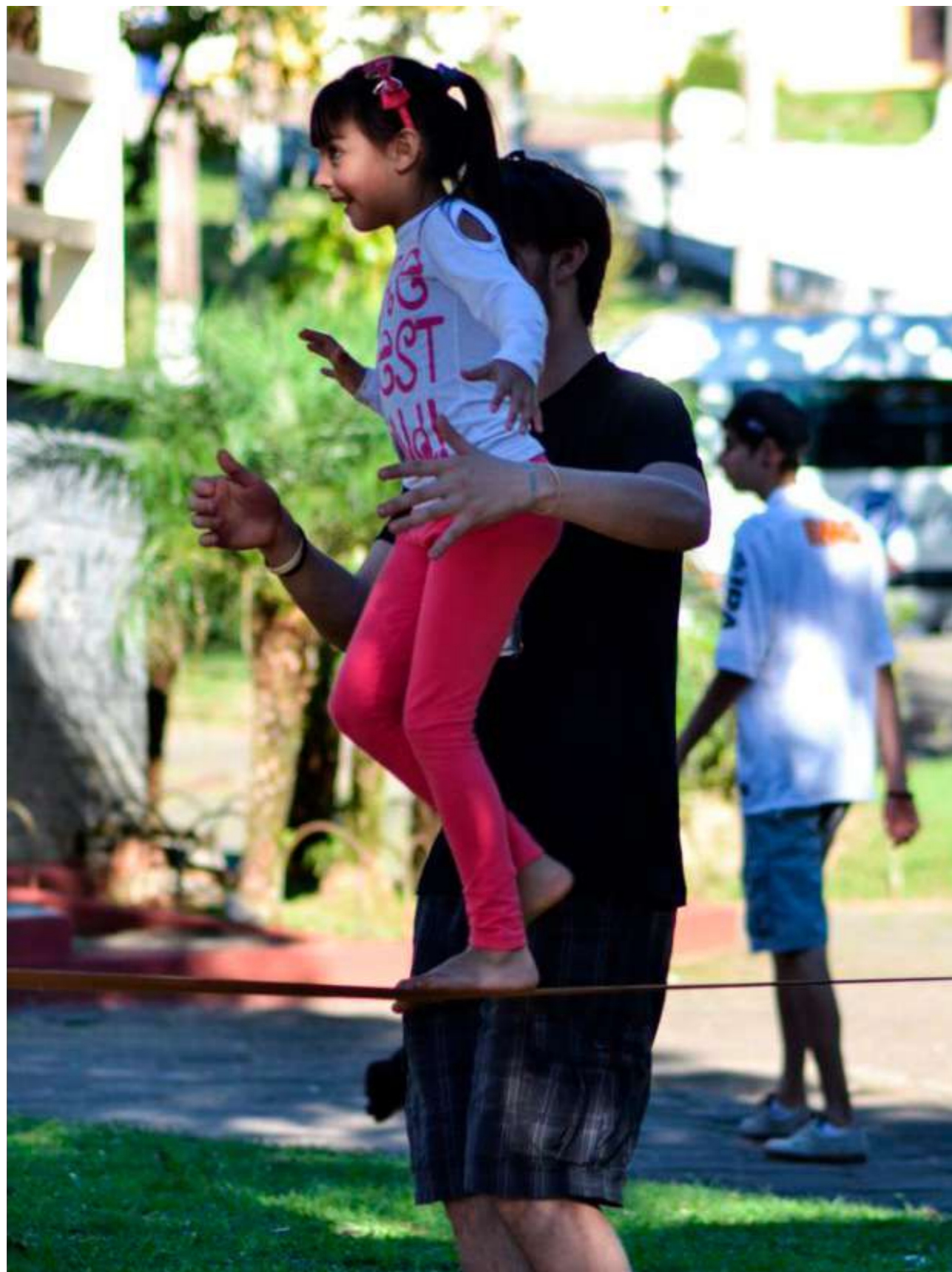
Coletividade: esse sempre foi o princípio norteador das ações desenvolvidas pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Lazer, Espaço e Cidade (Geplec), responsável pelo planejamento, organização e execução das ações na praça principal de Antonina durante o Festival de Inverno da UFPR.

O projeto intitulado "A Praça é Nossa" busca incentivar a apropriação da Praça Coronel Macedo, a partir de experiências lúdicas mediadas por elementos da cultura corporal, ancorado no compromisso de aproximar a produção do conhecimento da Universidade das demandas da Comunidade. Nossa meta também é proporcionar um tempo-espaço de exercício da cidadania e de apropriação do espaço público, colaborando para a construção do sentimento de pertencimento à cidade.

Vale ressaltar que tal ação extensionista sustenta-se na relação teoria/prática, ou seja, agrega as teorias do fenômeno do lazer às práticas recreativas. Para tanto, partimos da ideia de liberdade para brincar, transformando a praça em um lugar democrático, propício para potencializar a dimensão lúdica do cidadão, que encontra, nessa ação, uma oportunidade de usufruir do direito ao Lazer e ao espaço público, contribuindo para a (re)significação cultural da cidade em que vive.

18º Festival de Inverno - Recreação na Praça Coronel Macedo - Foto por Manuela Salazar





18º Festival de Inverno - Recreação na Praça Coronel Macedo - Foto por Manuela Salazar



26º Festival de Inverno - Corrida na Praça - Arquivo UFPR

Para a realização desse projeto, contamos com a coordenação de uma professora do Departamento de Educação Física e com estudantes bolsistas da UFPR, vinculados à graduação e à pós-graduação, os quais participam de todos os processos, desde a concepção, planejamento e desenvolvimento até a avaliação final. São mais de 6 meses de construção coletiva. Acreditamos que a praça se transforma em um laboratório vivo dos saberes acadêmicos, impactando positivamente na formação desses discentes. Os relatos ao longo desses anos comprovam que muitos estudantes fortalecem suas identidades como professores e professoras a partir dessa experiência.

Durante o processo da intervenção, percebemos o pulsar da praça. São corpos brincantes que manifestam emoções e expressões da cultura corporal, livres para escolher diversos espaços do brincar, de acordo com seus interesses de experimentação.

Ao longo dos anos, percebemos que crianças bem pequenas começaram a frequentar a praça. Criamos então o famoso “Espaço Baby”, que gerou o encontro entre as famílias responsáveis pelo cuidado dessas crianças, o que, por sua vez, oportunizou experiências entre as diferentes gerações da cidade, potencializando ainda mais a sociabilidade, tornando a praça também um lugar da diversidade, de contato com o diferente.

Outro fenômeno percebido foi que tais crianças pequenas cresceram e se tornaram jovens frequentadores da praça à medida que os anos foram passando. Dessa forma, mudaram seus hábitos e interesses e, para atender seus anseios e expectativas, demandaram novas ações do projeto, com espaços mais diversificados para adolescentes e jovens e experiências lúdicas específicas para suas idades, como “o cantinho do Vôlei”, ampliando as



“Vimos, ainda, jovens antoninenses tornarem-se adultos, alguns com memórias afetivas tão intensas que, atualmente, levam seus filhos para brincar na praça”



17º Festival de Inverno - Atividades na praça - Acervo do Festival

experiências da praça para as ruas do entorno e decretando a ampliação do direito não só à praça, mas à cidade.

Vimos, ainda, jovens antoninenses tornarem-se adultos, alguns com memórias afetivas tão intensas que, atualmente, levam seus filhos para brincar na praça, em espaços que possibilitam reviver brincadeiras do passado, experimentar práticas de aventura na natureza ou potencializar a criatividade. Há também pessoas idosas que participam daquele tempo-espaço de lazer, contemplando nos bancos da praça o movimento gerado pelas brincadeiras.

Finalizamos esse breve relato com o depoimento da Gabriela Moraes, antoninense que cresceu brincando na praça durante o Festival de Inverno da UFPR:

“Eu diria pra gente nunca esquecer de como era bom brincar na praça, de como tudo era simples e de como a gente era feliz e que não precisa de muito pra continuar sendo feliz. Que a gente pode pegar uma bola com, no meu caso, 21 anos ou com 40 anos e ir lá, jogar na praça com os amigos, hoje em dia numa quadra, em qualquer lugar, sabe? Que a gente não pode deixar de brincar e de viver aqueles momentos. Que a gente tem que continuar sendo feliz e, se a gente precisa ser feliz, se a gente precisa lembrar pra ser feliz, que a gente lembre, então, que a gente recorde, que a gente viva de novo.” (Trecho da entrevista, Gabriela Moraes, 14/10/2020).

Assim, memórias são criadas e identidades são potencializadas a partir das lembranças vividas nessa ação que acompanha antoninenses ao longo das suas vidas, com marcas afetivas da infância e adolescência, passando pela vida adulta, até a longevidade. Tal depoimento, extraído de uma monografia de conclusão do curso de Educação Física sobre o Festival de Inverno da UFPR, explicita o sentido e o significado dos momentos de alegria que o projeto “A praça é nossa” deixa na memória das pessoas que vivem nessa cidade.



FESTIVAL DE INVERNO COMIGO, CONOSCO, COM TODOS...

Ana Paula Machado

Diretora do Colégio Estadual Professora Maria Arminda

Bom, falar do Festival de Inverno para mim é como lembrar a minha vida sendo projetada diante dos meus olhos, podendo, em cada piscada demorada, ter o poder das sensações quase inenarráveis que ele me desperta...

Comecei no Festival de Inverno no ano em que ele chegou em Antonina, como uma novidade imensa para os moradores. Na época, eu era aluna do Colégio Estadual Rocha Pombo e nossa turma foi escolhida para fazer uma Oficina de Coral com o Professor Ênio, da UFPR.

As nossas aulas aconteciam na Igreja São Benedito e, quando minhas lembranças de menina com 13 anos começam a florescer, consigo cantar as músicas folclóricas que ele nos ensinou com a mesma emoção do dia em que nos apresentamos no Palco do Festival de Inverno... Foi um misto de emoção e da sensação de artista que nos era despertada, lembrando de cada detalhe das apresentações que ocorreram com nossas famílias sendo os aplausos.

Os anos se passaram e o Festival de Inverno tornou-se parte da vida; afinal, o nosso calendário era monitorado por datas e lá estava ele promovendo momentos em que a Arte e a Cultura tornavam-se acessíveis para todos, oportunizando assim experiências que muitos não tiveram ou não teriam oportunidade e nem poder aquisitivo para vivenciar.

27º Festival de Inverno - Pousada Atlante - Foto por Marcos Solivan





“Momentos em que a arte e a cultura tornavam-se acessíveis para todos”



Shows de Alceu Valença, Oswaldo Montenegro, Toquinho, 14 Bis, Jair Rodrigues e muitos outros abrilhantaram nossas vidas ao longo de todas essas décadas, bem como todas as apresentações artísticas da hora do almoço, horários este em que trocávamos o intervalo para nos deliciar com a Arte de Rua e com todas as oficinas que participamos como parte desse espetáculo. Como vários moradores, também tive a honra de ver meus filhos, Caio e Vitória, vivenciando histórias coloridas de vida no Festival.

O Festival de Inverno em 2013 fez parte da história do Colégio Estadual Professora Maria Arminda, com seu sorriso e com sua facilidade em nos fazer entrar por uma semana em um mundo mágico, pois sempre foi assim que visualizei essa atmosfera de magia que unia as pessoas com sons, cores, movimentos, muita arte e um mar de cultura ao alcance dos nossos alunos, que abraçaram com muita euforia.

Eu não acredito que ele seja somente um evento em nossas vidas; vejo o Festival como um Projeto de Amor que nossa singela Antonina recebera da UFPR por todas essas décadas. Nossas ruas mudam de cor e de visão. É um momento em que todos os sorrisos afloram, as crianças brincam, os adultos aprendem, ensinam e se divertem, cada artista e professor transborda um pouco de si em cada um de nós... Enfim, a felicidade mora no Festival e, se eu pudesse terminar com duas palavras, diria "gratidão, UFPR!".

Somos a casa do Festival de Inverno e que ele faça morada por centenas de gerações em nossa querida Antonina, pois esse privilégio de respirar arte e cultura gratuitamente é um presente de luz.



ENCONTROS, MEMÓRIAS E RETORNOS!

Deise Cristina de Lima Picanço

Pró-Reitora de Extensão e Cultura (2013-2016)

Escola Rocha Pombo. O cotidiano na pequena Antonina parecia pouco afetado, a não ser pelo fato de que se hasteava a bandeira e se ouvia o hino nacional para quase tudo: desde quermesses, desfiles de 7 de setembro, até formatura de crianças do Jardim de Infância. A mãe era professora na mesma escola em que fizera o Jardim de Infância. Vestida de beca e capelo, não foi das mãos da mãe que recebeu o canudo cor-de-rosa. O pai, vereador, foi chamado para a ocasião. Das poucas fotos que tinha da infância, uma das que mais gostava era aquela: o sorriso da menina ao lado de seu pai. O capelo lembra a foto do pai fixada numa pequena escultura de madeira que reproduzia uma fachada neoclássica, cheia de colunas, como as que via nos livros de História. Somente depois soubera que se tratava do prédio histórico da Universidade do Paraná.

A rua. No período em que cursava Letras, o Festival de Inverno teve suas primeiras edições. O professor Eduardo Nascimento, responsável pela organização do evento, havia sido do grupo escoteiro chefiado pelo pai. Com o apoio do reitor – o professor Faraco, que, anos mais tarde, seria seu orientador de doutorado –, o Festival se consolidara como política cultural, influenciando outros festivais nos anos 1990. Infelizmente a crise havia afetado a família e poucas vezes pôde ir a Antonina nesse período. Anos mais tarde, durante as férias escolares, levava o filho para as oficinas – assistiam a peças de teatro, iam ao circo e brincavam na praça. Em 1998, já como docente da universidade, sentia que a cidade respirava algo mágico, lembrando a infância. Como o Carnaval e o barreado da mãe, o Festival havia entrado para a agenda familiar.

18º Festival de Inverno - Peça João e Maria - Acervo do Festival





“Em 1998, já como docente da universidade, sentia que a cidade respirava algo mágico, lembrando a infância”



24º Festival de Inverno - No País dos Prequetes - Foto por Manuela Salazar

25º Festival de Inverno - Theatro Municipal - Foto por Marcos Solivan



A Praça. Em 2012, após ter participado dos conselhos superiores e exercido vários cargos, foi convidada a fazer parte da gestão pelos professores Zaki e Mulinari, como Pró-Reitora de Extensão e Cultura. Em seu primeiro ano, sentiu o peso da dupla identidade, que, apesar de tudo, não facilitava as coisas. Por ter ficado muitos anos fora e não vivenciar o cotidiano da cidade, aos poucos foi (re)descobrendo uma outra Antonina, agora apresentada pelos olhos dos técnicos-administrativos e grupos artísticos da universidade. Aprendia com eles o que era ter que contar com a parceria dos funcionários da Prefeitura de uma cidade pequena e com poucos recursos. Testemunhou laços de amizade e lealdade inusitados. “Re-conheceu” amigos da família que haviam ficado na memória. Encontrou amigas de infância com quem teria que tratar de oficinas, espaços, shows e parcerias. Também aprendeu o que era esperar, todos os anos, que a universidade renovasse seu compromisso com práticas culturais e artísticas consolidadas nas oficinas e edições do Festival, as quais atraíam estudantes, visitantes e turistas, que faziam movimentar a economia local.

Theatro municipal. Uma das primeiras coisas que tentou estabelecer foi uma prática de organização mais plural e dialógica. Foram várias as tentativas de reunir grupos artísticos, escolas e associações para conversar. Aos poucos, as equipes da universidade e da cidade foram conquistando confiança, vendo que era possível fazer diferente, e as reuniões ficaram cheias o bastante para movimentar a plateia do Theatro. A escassez de recursos era diariamente confrontada com o desejo de manter o compromisso da universidade com aquela comunidade. As noites de insônia e cansaço cediam lugar para as luzes do palco: Boa noite, Antonina! Nesses encontros, aprendeu que “na vida, depois de vermos a nós mesmos pelos olhos dos outros, sempre regressamos a nós mesmos” (BAKHTIN, 2000, p.37).

O FESTIVAL DE INVERNO DA UFPR E O PATRIMÔNIO CULTURAL: NOVOS SENTIDOS DO APRENDER

Lia Mity Ono

Técnica de Educação Patrimonial do Iphan-PR

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) colabora com o Festival de Inverno da UFPR, em Antonina, desde as primeiras edições do evento. Inicialmente, eram promovidas palestras multidisciplinares em torno do tema da preservação do patrimônio cultural. As palestras deram lugar às oficinas práticas e de aprimoramento técnico nesse mesmo campo e, mais recentemente, os moradores e educadores da cidade protagonizaram as atividades que convidavam os participantes do Festival a percorrerem as ruas da cidade por meio das histórias contadas pelos próprios antoninenses.

Ao olhar retrospectivamente para essa trajetória, é possível entrever como as formas de engajamento do público local convertem-se em uma experiência participativa integral. O amadurecimento dessa interação entre quem organiza o evento, os apoiadores e as instituições parceiras e quem o frui ampliou gradativamente as possibilidades de criação. Com o passar do tempo, o Festival foi sendo incorporado à dinâmica cultural da cidade. Novas demandas surgiram – conflitos, carências, oportunidades –, e a comunidade envolveu-se cada vez mais nas atividades. Por essa vereda, o Iphan também reorientou suas ações, buscando construir laços com a população residente em processos de escuta e diálogo.

Evidentemente, o Festival promove uma agitação que faz confluír para um mesmo lugar pessoas de grupos sociais distintos, público bastante heterogêneo, formações heteróclitas, identidades híbridas, desejos e interesses dissemelhantes. E o seu papel é mesmo este: de agregar o que aparentemente está disperso e desconexo e de emaranhar os sujeitos em celebração do senso de coletividade. Esse espaço de mediação e de trocas culturais ocupa uma posição estratégica para além do desenvolvimento da cidade como um atrativo turístico. Mais do que um ganho econômico sazonal, o Festival é um momento de partilha, de celebração da diversidade e da cidadania cultural que ressoam na cidade durante o ano todo.

18º Festival de Inverno - Mundareu Cortejo - Foto por Manuela Salazar





“O Festival é um momento de partilha, de celebração da diversidade e da cidadania cultural que ressoam na cidade durante o ano todo”



24º Festival de Inverno - Boi Barroso - Foto por Carina Kuretzki

O contato com um público amplo e diverso de estudantes e turistas gera também o esforço em propiciar a integração de todas essas pessoas com o lugar. O conjunto urbano de Antonina foi tombado pelo Iphan em 2012, mas o patrimônio cultural da cidade transcende seu casario. Expressa-se também pelas festas, músicas, danças, tradições, gastronomia, sentimentos, lembranças, memórias e demais dimensões da vida comunitária. Durante o Festival, as atividades de educação patrimonial propuseram sensibilizar os participantes para a valorização de suas referências culturais. O simples ato de contar e escutar as histórias de quem habita a cidade abriu espaço para uma experiência em que os lugares de memória dos antoninenses passassem a compor a geografia afetiva de todos que fossem atravessados por essas narrativas.

Nesses 30 anos do Festival, seja por meio de oficinas, vivências cênicas, palestras, caminhadas no centro histórico ou rodas de conversas, as ações educativas tiveram o intuito de aproximar as pessoas do patrimônio cultural que pulsa em cada canto e em todos nós. Portanto, ao ocupar a praça com brincadeiras, visitar os lugares que marcam a história de Antonina e ressignificar esses espaços, o Festival incentiva o surgimento de novas formas de viver, compreender, questionar e sonhar a cidade, transformando-a em território educativo plural.

A FESTA MAIS BONITA DA CIDADE

Amanda Melo

Produtora Cultural, graduada no Curso de Produção Cênica – UFPR

Era começo de outono em 2017, e eu tinha ingressado na UFPR havia pouco mais de um ano. Como estudante do curso de Produção Cênica, dava então meus primeiros passos na carreira de produtora cultural...

Embora naquela época já tivesse atuado profissionalmente em alguns eventos artístico-culturais na cidade de Curitiba, a oportunidade de estar junto à equipe da Coordenadoria de Cultura da PROEC, acompanhando de pertinho as várias etapas daquele processo que anualmente fazia crescer a belíssima tradição do Festival de Inverno, fez meus olhos brilharem. Como bolsista do projeto, trabalhei na pré-produção, produção e pós-produção do evento. Foram aproximadamente três meses de imersão. Muitos contatos, telefone e e-mail eram os grandes aliados. As planilhas garantiriam que cada detalhe e cada pessoa fossem lembrados. Tudo para um Festival mágico e inesquecível!

Quando chegou o dia de descer a Serra, rumo à encantadora cidade de Antonina, misturei expectativas múltiplas e energia de sobra. Começava a 27ª edição do Festival de Inverno da UFPR, ou Festival de Inverno de Antonina, pois, durante aquela semana, ali, pude perceber que a comunidade antoninense tomara calorosamente para si a festa mais bonita da cidade... À chegada, recepção digna de artista. Moradores pareciam nos aguardar entusiasmados. Logo se aproximaram, puxando conversa. Já enquanto desembarcávamos na praça, queriam saber o que trazíamos naquele ano... Era como se já nos conhecêssemos. Éramos, por assim dizer, um tipo de “bonde da cultura”.

18º Festival de Inverno - Mundareu Cortejo - Foto por Manuela Salazar





**“Uma troca enriquecedora,
uma conversa entre sábios;
de um lado a academia, do
outro as comunidades do
litoral paranaense”**

18º Festival de Inverno - Boi de Mamão - Foto por Douglas Frois

Enquanto bolsista de um dos projetos de extensão mais significativos da UFPR, ganhei a oportunidade de escrever um pedacinho da história da nossa querida universidade. O evento, tão valioso para os estudantes da instituição quanto para a cidade de Antonina, rompeu muros, promovendo, desde a sua primeira edição, uma troca enriquecedora, uma conversa entre sábios; de um lado a academia, do outro as comunidades do litoral paranaense. Fazer parte dessa trajetória foi algo extraordinário. E na volta para casa, sem dúvidas, a bagagem era maior, cheia de aprendizados e memórias de uma semana especial. Na cabeça a certeza de dever cumprido, e no coração só saudades...

É importante registrar que esse foi um tempo de muitos desafios para o setor cultural. Acompanhamos o crescente desmerecimento da cultura, bem como dos profissionais da arte. A dissolução do MINC, em 2019, completou o cenário de dúvidas e incertezas. Contudo, é válido ressaltar que o orçamento aquém do necessário, devido aos cortes nos recursos destinados às instituições de ensino superior, mais um ataque empenhado por parte do Poder Público, não enfraqueceu o time da PROEC. Porém, definitivamente, tornou tudo mais difícil, exigindo não apenas o esforço coletivo e colaborativo, mas também a perseverança no sentido de fortalecer os laços que possibilitariam a continuação dessa história.



18º Festival de Inverno - Mundareu Cortejo - Foto por Manuela Salazar

18º Festival de Inverno - Foto por Douglas Frois





18º Festival de Inverno - Boi do Norte - Foto por Manuela Salazar

O FESTIVAL ME DEU ARTE PARA A VIDA TODA

Carolina Bee Araujo

Moradora de Antonina, graduada no Curso de Música - UFPR

Minha família se mudou para Antonina quando eu tinha 3 anos de idade; desde então eu participo do Festival de Inverno da UFPR.

Engraçado pensar que temos quase o mesmo tempo de existência; irei fazer 30 anos neste ano. Crescemos juntos, convivemos, fomos bons amigos e amadurecemos. Certo ano, estava eu assistindo algum belo espetáculo no palco principal e, no outro, de repente, me vi em cima do palco fazendo o encerramento junto com a Filarmônica Orquestra Show. Num dia, estava escolhendo uma oficina para me inscrever e, no outro, ajudando a organizá-las pela Associação de Defesa do Meio Ambiente e Desenvolvimento de Antonina, em parceria com a PROEC. É muito bonito perceber esse arco da trajetória. Aprendi muito nesse caminho.

Foi por meio dos inúmeros profissionais que o Festival trazia para a cidade que eu tive os primeiros contatos com as várias linguagens da arte. Fiz de tudo um pouco: fui atriz, escultora, quadrista, musicista, dançarina, desenhista, diretora de cinema, grafiteira e tantas outras. Tive a chance de expor, tocar em público, improvisar uma cena engraçada, apresentar uma peça, exibir um curta, criar bonecos, recitar uma poesia, e por aí vai. Apreciei artistas, admirei professores, encontrei ídolos, fiz novas amizades. As lembranças desse período de tanta euforia e novidade me vêm acompanhadas do frio de julho; do cheirinho de quentão à noite; do gostinho de crepes, de churros, de pastel e das sopas; de muitas cores e luzes; do charme das pessoas de fora; de uma gratificante exaustão de tanto aproveitar; e de encerrar a semana com a secreta sensação de me sentir um pouco mais “culto”.

17º Festival de Inverno - Peça “O Cirandeiro” - Acervo do Festival





“Fiz de tudo um pouco: fui atriz, escultora, quadrinista, musicista, dançarina, desenhista, diretora de cinema, grafiteira e tantas outras”



20º Festival de Inverno - Filarmônica Orquestra Show - Foto por Bruno Rolin

Lembro-me que, antigamente, quando uma fila de crianças já ia se formando muito cedo na frente do Teatro e eu estava lá no meio, era o dia de inscrição das oficinas. Para nós, eram muitas as opções e todas pareciam muito legais. A criançada realmente curtiu. Na hora do almoço, outra fila longa se fazia: pegar os ingressos das apresentações. Alguns já pegavam vários para a família toda e para os conhecidos da família. Ainda bem que sempre consegui entrar sem ingresso, depois que todo mundo entrava! Sentávamos no chão dos corredores quando o público lotava.

Nesses anos, também vi as coisas mudando. Aos poucos, a verba para organização foi diminuindo e o público também. Depois de alguns anos, o teatro e as igrejas, onde aconteciam as apresentações, já não lotavam tanto. As oficinas, que antes eram disputadas na unha por crianças e adultos, depois passaram a lamentar a falta de inscritos. Ainda assim, a universidade insistiu e, mesmo em meio à pandemia, fez o festival acontecer. É incrível como a experiência sempre pode acontecer nas mais variadas condições, pois, onde há pessoas querendo ensinar, querendo aprender, querendo encantar, a magia acontece.

No início de 2020, antes de entrarmos no caos pandêmico e antes da primeira edição online do Festival, eu estava colando grau da minha segunda graduação: Licenciatura em Música pela UFPR. E, naquele momento, pensei em tudo que me levou até ali. Compreendi que essa escola chamada Festival de Inverno da UFPR teve parte nessa história, abriu as portas e me deu arte para a vida toda, me fez querer seguir cultivando um universo colorido de possibilidades, como aquele em que eu vivia quando chegava a semana mais especial do ano!

FESTIVAL DE INVERNO - UFPR

Thiago Afonso

Secretário de Turismo e Cultura de Antonina

Os antoninenses têm muito a agradecer à Universidade Federal do Paraná por escolher o nosso município como sede do Festival de Inverno dessa renomada instituição, que é orgulho para todos nós paranaenses. Quando teve início, em 1991, por uma semana mudou a rotina dos moradores, com várias oficinas que, de tão concorridas, faziam com que as pessoas fizessem fila para escolher de qual participar. À noite, os grandes espetáculos de balé, teatro, concertos... Tudo acontecia em diversos pontos da nossa cidade, como no Santuário de Nossa Senhora do Pilar, na Igreja São Benedito, no Theatro Municipal e, é claro, no Palco Principal. É com muitas saudades que me lembro do “Boa noite, Antonina”, falado todas as noites pelo Pacheco.

Acredito que os munícipes estreitaram o contato com a cultura graças à iniciativa da Universidade Federal do Paraná, com a criação desse Festival. Muitas pessoas que participaram das oficinas descobriram suas profissões por meio delas, sem contar as instituições do nosso município, como a APAE, a Filarmônica Antoninense, as Escolas de Samba e também os nossos profissionais da Educação, que, por muito tempo, viram o Festival como fonte de aprimoramento para suas atividades diárias.

A semana passava muito rápido. No sábado, tínhamos o resultado de todas as oficinas, com exposições e apresentações, e víamos quão talentosa era a comunidade antoninense.

As famílias sempre estavam presentes durante o evento, desde a participação nas oficinas e shows, até quando víamos a praça repleta de crianças pulando e brincando, dando ainda mais vida para essa semana de transformação que acontecia anualmente em nossa cidade.

24º Festival de Inverno - Show Michele Mara - Foto por Carina Kuretzki







19º Festival de Inverno - Oficina Dança Indiana Praça - Foto por Douglas Frois



22º Festival de Inverno - Seresta Canto do Mar - Acervo do Festival

Eu, Thiago Afonso, hoje Secretário de Turismo e Cultura, assumi esse cargo de tamanha importância em 2018 e, junto com o Prefeito José Paulo Vieira Azim, continuamos a buscar formas de auxiliar e apoiar a UFPR para que o Festival pudesse crescer cada vez mais. No 27º Festival de inverno, tivemos como Palco Principal o coreto da Praça Coronel Macedo, que contou com muita música boa! À noite, tínhamos shows com artistas variados e, durante o dia, muita brincadeira com as crianças... Contávamos com um cortejo com artistas da cultura popular que chamava a população para participar das atividades. Tivemos o nosso Grupo de Seresta Cantos do Mar e vários outros eventos.

O coreto foi palco também no ano de 2018, o que continuou enchendo a praça de vida e trazendo um espetáculo lindo já na abertura do evento, com a Orquestra à Base de Cordas, com participação de Paulinho Moska. No seu encerramento, fizemos uma das características da cidade: um baile de Carnaval, com a participação das nossas Escolas de Samba e também da nossa Banda 50 Graus.

A parceria com a UFPR seguiu firme e cada vez mais fortalecida nos anos seguintes. Foram muitas reuniões e encontros, contando sempre com a presença e com o apoio do Prefeito José Paulo Vieira Azim.



24º Festival de Inverno - Retrato - Foto por Ana Lino

No ano de 2020, o Festival completou 30 anos, e a intenção era fazer o melhor e maior festival de todos os tempos, mas, infelizmente, a pandemia da COVID-19 mudou o mundo inteiro e nós também tivemos que mudar os planos, fazendo um festival online, que, apesar de todas as dificuldades, foi um sucesso! Hoje, ainda seguimos no mesmo cenário de pandemia e o 31º Festival de Inverno manterá os moldes do 30º e seguirá sendo online, porém com uma diferença: vamos poder mostrar mais nossos monumentos e pontos turísticos.

São grandes as expectativas para o Festival de 2022. Nossa cidade está passando por muitas mudanças e melhorias que visam ao aumento da qualidade de vida da população e à preservação da nossa história e da nossa tradição. Estamos realizando o Projeto de Revitalização das Fachadas do Centro Histórico, além de estudos para a viabilização de um teleférico turístico em nossa cidade, que, se for aprovado, será o primeiro do litoral paranaense. Fizemos restaurações no nosso Theatro Municipal, no Armazém Macedo e na Casa da Cultura, o que proporcionará ainda mais espaços que poderão ser utilizados durante a semana do Festival. Além disso, tivemos o retorno dos passeios de Maria Fumaça, com a locomotiva mais antiga do país em funcionamento. Concluímos o nosso Centro Esportivo Joubert Gonzaga Vieira, que era conhecido antes como “Caveirão” e que já ganhou nova vida; com certeza será mais uma estrutura que será utilizada no Festival de Inverno.

Agradeço a oportunidade, a confiança e a parceria de sempre da Universidade Federal do Paraná. Que possamos seguir sempre juntos nos ajudando e proporcionando um lindo espetáculo para todos.



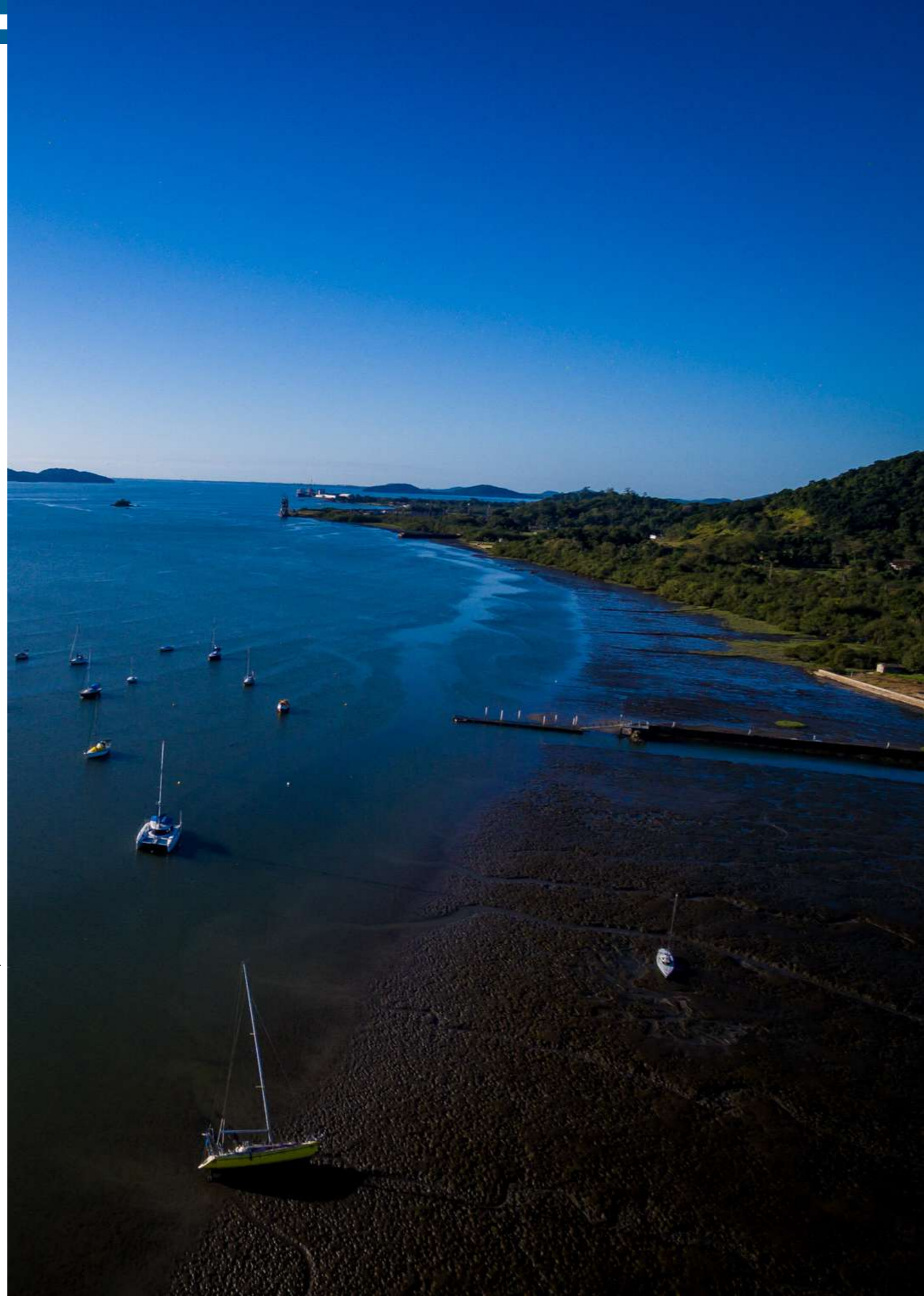
SEU DEPOIMENTO!

COMPARTILHE CONOSCO, VOCÊ É
NOSSO(A) 30º CONVIDADO(A)!

Seu nome!

Se você participou do Festival de Inverno da UFPR, com certeza tem uma boa história para contar.

27º Festival de Inverno - Foto por Marcos Solivan



Reitor:	Prof. Dr. Ricardo Marcelo Fonseca
Vice-Reitora:	Prof ^ª . Dr ^ª . Graciela Bolzón de Muniz
Pró-reitor de Extensão e Cultura:	Prof. Dr. Rodrigo Arantes Reis
Coordenadora de Cultura	Prof ^ª . Dr ^ª . Lucia Helena Alencastro
Organização geral:	Patricia Guilhem de Salles
Co-organização	Vinicius Costa
Produção cultural:	Juliana Mara
Revisão de texto:	Cristiane Souza
Coordenação gráfica:	Prof. Dr. Naotake Fukushima (Projeto de extensão: Service Design Lab UFPR)
Bolsista Design:	Thales Ferreira Panke
Estagiário Design:	Henrique Coser Moreira
Imagens:	Arquivo UFPR; Arquivo PROEC; Ana Lino; André Filgueira; Bruno Rolin; Carina Kuretzki; Douglas Frois; Jason Pessoa; Júlio Manso; Lais Murakami; Manuela Salazar; Marcos Solivan; Nicolle Schumacher; Ronaldo Duarte; Vinicius Costa;

Agradecimentos especiais:

Ao Prof. Dr. Leandro Franklin Gorsdorf - Pró-Reitor de Extensão e Cultura da UFPR 2017/2020 - e ao Setor de Artes, Comunicação e Design da UFPR pela parceria no desenvolvimento desta publicação.



Festival de Inverno da UFPR - Arquivo UFPR





PROEC
Pró-reitoria de
Extensão e Cultura

ISBN: 978-65-84565-07-4

CD



9 786584 565074